

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS**

DLCV

Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de
Literaturas de Língua Portuguesa
Mestrado

Ricardo Escudeiro Sabino

**Postal e exumação: escrita de poesia
deslocada dos grandes centros**

Versão original

São Paulo
Fevereiro de 2024

Postal e exumação: escrita de poesia deslocada dos grandes centros
USP – Universidade de São Paulo
FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
DLCV – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
ECLLP – Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de
Língua Portuguesa – Nível Mestrado
Aluno: Ricardo Escudeiro Sabino N° USP: 5973648
Orientador: Prof. Dr. Antonio Vicente Seraphim Pietroforte

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH da Universidade de São Paulo – USP, pelo aluno Ricardo Escudeiro Sabino, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre.

Versão original

São Paulo
Fevereiro de 2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S116p Sabino, Ricardo Escudeiro
Postal e exumação: escrita de poesia deslocada dos grandes centros / Ricardo Escudeiro Sabino; orientador Antonio Vicente Seraphim Pietroforte - São Paulo, 2024.
197 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

1. CH793.4.5. I. Pietroforte, Antonio Vicente Seraphim, orient. II. Título.

SABINO, Ricardo Escudeiro. **Postal e exumação**: escrita de poesia deslocada dos grandes centros. Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Este trabalho está dedicado à Mariana Godoy, pilar de mundo, e aos meus pais, Elza Escudeiro Sabino e Wilson Sabino, orientadores primeiros.

AGRADECIMENTOS

À Mariana Godoy, Elza Escudeiro Sabino, Wilson Sabino, Julyana Escudeiro Sabino e Rodrigo Escudeiro Sabino, pela certeza de abrigo.

Ao Prof. Dr. Antonio Vicente Seraphim Pietroforte, companheiro de poesia e de luta, por muito além de orientação, pela amizade, pelo apoio e atenção ao meu trabalho e contribuição ao meu crescimento intelectual, cultural e científico.

Aos Profs. Drs. Daniel Candeias, Horácio Costa, Lilian Jacoto e Moacir Amâncio pela contundente contribuição com esse trabalho, desde as participações em banca às aulas ministradas e conversas acolhedoras.

À Mariana Godoy, Horácio Costa, Alexandre Ribeiro (in memoriam), Alessandro Romio, Flavio Caamaña, Conceição Lima, Paula Tavares, Edimilson de Almeida Pereira, Nina Rizzi, Cecília Camargo, Edson Bueno de Camargo (in memoriam), Conceição Bastos, Lilian Aquino, poetas-bússola.

Ao Eduardo Lacerda, Pricila Gunutzmann e Editora Patuá, primeiros a crerem no meu trabalho, pela amizade e parceria duradoura e extensiva.

À Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, onde tive a oportunidade de formação desde o bacharelado.

RESUMO

SABINO, Ricardo Escudeiro. **Postal e exumação**: escrita de poesia deslocada dos grandes centros. 2024. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

O trabalho que ora se apresenta teve como objetivo primeiro a escrita e reescrita dos poemas que integram a coletânea autoral e, até então inédita, “postal e exumação”, redigida e organizada como produto de tal objetivo. Dessa forma, buscou-se investigar e analisar a escrita criativa, especificamente a de poesia, notadamente aquela produzida fora dos grandes centros/metrópoles. Para tanto, ao longo do processo de produção do livro de poemas que aqui se apresenta, observaram-se atentamente os caminhos propositivos e procedimentos mobilizados para a elaboração do original de poesia, os quais foram, basicamente, a observação das questões relacionadas à memória, experiência e intertexto, investigadas e estudadas paralela e concomitantemente à redação dos poemas. O resultado obtido foi o original, já mencionado, que se apresenta, seguido de um breve ensaio que busca refletir sobre o processo de escrita de tal, demonstrando, crê-se, que há uma espécie de insubmissão permeando a escrita de poesia que acontece deslocada dos grandes centros, o que confere a essa poesia características de criatividade que não são as convencionais esperadas nos “locais oficiais” da poesia, como, por exemplo, esses grandes centros.

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea. Escrita criativa. Memória. Intertextualidade.

ABSTRACT

SABINO, Ricardo Escudeiro. **Postcard and exhumation**: poetry writing displaced from large centers. 2024. Thesis (Master's degree). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

The work presented here had as its first objective the writing and rewriting of the poems that make up the authorial and, until then, unpublished collection, “postcard and exhumation”, written and organized as a product of this objective. In this way, we sought to investigate and analyze creative writing, specifically poetry, notably that produced outside large centers/metropolises. For this purpose, throughout the process of producing the book of poems presented here, the propositional paths and procedures mobilized for the elaboration of this manuscript were carefully observed, which were, basically, the observation of issues related to memory, experience and intertext, investigated and studied in parallel and simultaneously with the writing of the poems. The result obtained was the manuscript, already mentioned, which is presented, followed by a brief essay that seeks to reflect on the process of its writing, demonstrating, it is believed, that there is a kind of insubordination permeating the writing of poetry that happens displaced of the large centers, which gives to this poetry characteristics of creativity that are not the conventional ones expected in the “official locations” of poetry, such as, for example, these large centers.

Keywords: Contemporary Brazilian poetry. Creative writing. Memory. Intertextuality.

SUMÁRIO

1-Postal e exumação, 010

1.1-Os aventureiros do bairro proibido, 013

1.2-Cannibal ferox, 040

1.3-A síndrome do vídeo, 059

1.4-O vingador do futuro, 078

1.5-No céu tudo é perfeito, 094

1.6-Sociedade dos amigos do diabo, 113

1.7-Muito além da cúpula do trovão, 129

2-Criação literária (deslocada dos grandes centros): experiência, memória e intertexto em poesia brasileira contemporânea, 168

Bibliografia, 192

Filmografia, 196

postal e exumação

“Você não nasceu. Mas é bom ter velas, não é?”

– Clifford Unger

Death Stranding, Hideo Kojima, 2019

“His eye is on the sparrow
And I know He watches me”
[“Os olhos Dele estão no pardal
E eu sei que Ele me observa”]

– Lauryn Hill & Tanya Blount

Sister Act II, Bill Duke, 1993

“[...] Este caráter iconoclástico é confirmado pelo texto que aparece no encerramento do desenho Prólogo do Céu: ‘Quando o coração humano supera os seres divinos, o que eles vão perdoar e quem eles vão castigar?’ [...]”

– EUFRAUSINO, Cláudio Clécio Vidal

Tradução e transfiguração da narrativa bíblica da aliança na narrativa de Saint Seya, In *Cultura & Tradução*, João Pessoa, v.1, n.1, 2011

**será que a estética é só
alguma espécie de memória saturada**

1.1-Os aventureiros do bairro proibido

“**para que tanta distância** meu deus
se não há entre nós nenhuma paisagem”

O jardim nunca foi tão bonito quanto agora, Alessandro Romio, 2017

“[...] mesmo longe dos sacos de corpos
mesmo sem coração crivado de tiros
mesmo sem túmulo com a sua foto
você aqui jaz no necrotério dos vivos [...]”

O necrotério dos vivos, Eduardo Taddeo, 2020

anteriormente em as exéquias

enquanto isso uma mãe
pelo que podemos observar
é uma mãe pendurando bonecos de pano sem rosto no varal
alçando
eles todos os mesmos
eles tantos
tantos mesmos
ao céu ou a lugar algum
quem é que sabe
dessas coisas dos ventos
deixo vocês aqui com essa mãe
erguendo sítios inteiros
com apenas as varas de bambu

prólogo do céu

querido diário olá
ao longo dessa madrugada
eu fui um doom trooper
um soldado daquele famoso jogo dos anos noventa
mas também do agora e em diante
por que vai ter no mundo sempre isso né
de soldado da fortuna
e também isso dos sacrifícios
nem sempre cumpridos mas decerto almejados
na busca das famas e em nome delas
ao longo da jornada
enquanto eu lacerava e estripava uma considerável quantidade
de variações do campo semântico da palavra monstro
o som de fundo
não sei se trilha sonora do jogo
ou do texto aberto na tela
sobre os sistemas literários e as suas formações
ao longo da história o som era esse
esse música do elton john
guess that's why they call it the blues
e se não é isso
uma certa e metalinguística tradução
pra interpretação dos sonhos
ou até mesmo uma contribuição pretensiosa
será que oportuna
pro ramo das traduções literárias
mais não sabemos
e assim será mantido
dust out the demons inside
que em tradução livre é agora
o som que vem do coração

the last of us

“I’ll be gone

In a day or two”

(*The last of us part II*, Ellie Williams, 2020)

um ensaio

sobre o ódio

uma ausência

redimida

quando será

que nossos mortos

irão deixar

de ter a sede

todos os nomes de deus

em letra cursiva

que é pra não quebrar

essa linha geral do raciocínio

nada

só que sincopado

tóteme

caminhar essa rua e ser no entanto imóvel
de modo que de um lado
o sol
um pouco à frente talvez
até conduzindo
vá de mão dada conosco
e do outro lado a sombra
talvez até conduzindo
caminhe com a mão
pousada de leve em nosso ombro

tríptico

um microempreendedor individual
contempla naquilo que parece uma estaca
o filho que nela permanece pregado

é o que responde o curador quando questionamos
a respeito do título
da potente imagem que o museu ostenta
em uma parede central

há pois um amador
que ama em demasia
aquilo que é amado

e nós
é claro
e nós

enquanto um pai em específico contempla todo esse calvário

com o semblante
de quem se sente
bem satisfeito

rotting christ

“Ô Satan, prends pitié de ma long misère!”
(*Les fleurs du mal*, Baudelaire, 1857)

elthe

kyrie

a encenação de um sopro
por um corpo destruído
ícone
a carne
ou madeira apodrecida

elthe

kyrie

fecha o olho
desfere o gesto da cruz
mas só até essa parte
a parte que nos importa
o limiar
do que comove

elthe

kyrie

pode trazer ele de volta tudo bem
mas só a cognição
sem aquele aparato emocional
sem aquelas convenções
as terminações nervosas
os avisos
de ocorrência

da dor

olha só que ressurreição mais linda

kyrie

eleison

electric funeral

será correta essa nossa postura
cantarmos assim
esse signo morto
desse modo consumimos o cada dia
no lábio absoluto
do nosso desespero
a corola de uma planta
ascendendo ao paraíso

não devíamos recolher o lítio todo

quem o primeiro a desligar os disjuntores

o céu de todo deus
é um teto falido

garimpar o neon
todo o neon possível
daquela flor defunta

arkhaggelos

um mundo
mediado na palavra
não podia dar em outra
que ser provisório

no princípio era
o que princípios pressupõem mesmo

e olha que se amarras
na outra ponta disso uma fagulha
digamos
um mergulho em pedra liquefeita
e a corrente elétrica entrelaça pelos dedos
tens a mão encharcada

olha ficou com a mão molhada toda

apontará um bom amigo
sentado em seu ombro
enquanto descreve o quanto está essa mão
banhada do mármore mais bonito
só pra dizer
queda
e a sua luz flagrar a criação
ela toda
ruindo
tens é a mão na palavra e não o contrário
no princípio
é o tato

quiralium

quando dizemos capturar uma tela
pegar na mão uma tela

é pra ver com os olhos não com as mãos
diz o screenshot de uma memória
aqui
nos nossos ouvidos

nos referimos a uma captura
bidimensional do tempo

oi será que eu posso clicar nosso retrato

ao que você estenderia
a palma da tua mão esquerda
de modo que permitisse
que nela eu repousasse por completo
as costas da minha mão direita
os dois
cada qual
o respectivo braço estendido
os dois lado a lado
o milagre
da multiplicação dos metacarpos
nesse avesso
da pose pra uma foto
quem descansa nas muitas direções
desse único momento
é a morte
é a vida
sobrepostas e comutando posição
sob a pausa de um clique

contos da cripta

mas você mesmo é quem diz
que estarei sempre contigo
portanto
é comigo que visita-me
aqui nesse lugar
onde a manhã não nasce
onde a manhã só cai
benção disfarçada em abismo
a cidade vazia que encontrei
nessa memória onde tudo o quanto somos
não passa
de memória também
o alicerce de uma cicatriz
a minha cicatriz
costurada no teu corte profundo
sutura
uma cidade calada
na qual eu descanso em paz e pratico a morte
sozinho

my heart will go on

içamos as velas de nossas sepulturas
a lua
um fosso
que atormenta a terra e as horas
desde a parte do alto
o batimento cardíaco
é um domínio que demanda tempo
um domínio
que a respiração profunda sustenta
um domínio muito lento

olhem aqui
bem na nossa frente
ao alcance dos aplausos em pé

essa orquestra
que de um lado ao outro do naufrágio
segurou a morte
sempre um tom abaixo
essa criança
que na brincadeira
de prender o ar
descobriu que a água é uma
apenas uma
das idades do silêncio
esse casal
de quem chega baixinho
uma s o s muito íntima

vamos tirar o dia pra saber de nada
e ficarmos aqui só olhando pro teto

imagens caladíssimas
mas tão caladas que parecem
afogadas atrás das nossas pálpebras
sem saber se ficam ou desembarcam
de nós
pela voz de cabeça ou pela voz de peito
esperando que a parte de cima do mundo
se comporte um pouco mais como um céu
enquanto os corações desse oceano
imersos
sabem que de vez em quando
um ou outro continua

ítaca

do lado de cá da ilha da morte
um cheiro horrível de esgoto no quintal

qual o tempo que fiquei
por quanto tempo aliás
fissurado no macete de dicção
que conferia a esse verso a paz
a limpeza de um metro alexandrino
que por um outro período de tempo
tempo
aliás
achei ser o mesmo que o metro heroico

esse rio de merda não aderiu ao tempo
dá tudo na mesma tamandateí ou estige
mas podia ser mesmo aqueronte
tanto faz porque
apodrece enquanto irriga
o jardim cultivado sem querer
ao pé da porta dos fundos
onde a vista dá no barraco do lado e
um filho que só aprendeu a falar mãe
coloca um barquinho de papel
na parte do rio que é de seu domínio
a embarcação desce merda abaixo
enquanto só consigo pensar que se fodam
os nossos estudos aprofundados
sobre a telemaqueia

raza odiada

**“Pinche migra’ te esta esperando
Te devuelven despues de una paliza”
(*Raza Odiada*, Brujeria, 1995)**

é que num dos lados dessa fronteira
fica visível de um modo bem confortável
um casal descendo daquilo que parece
ser um veículo de aplicativo
de um lado a porta é aberta
de dentro pra fora
dali desembarca uma das partes desse casal
vai até o outro lado
abre a porta e facilita
o desembarque da segunda parte
porque essa parte carrega o bebê
desembarcam-se dessa maneira por completo
com ajuda recíproca
ajeitam o bebê
num desses aparatos
vocês conhecem né aquela espécie de pano
afixado das costas ao tórax
dos responsáveis por essa logística
vital
porque essa parte é a que carrega o bebê
isso feito
colocam-se lado a lado
cada qual entrelaça os dedos de umas das mãos
na mão do outro
e iniciam uma caminhada
cujo destino
muito pouco chama a nossa atenção
reparamos mesmo

é que com essa configuração
graças ao bebê conforto
o baby sling tradicionalmente é uma simples adaptação
do que normalmente as culturas usam
pra carregar peso
sling era o nome a gente conhece sim
graças a essa prótese de colo
a parte do casal que carrega a criança
segura firme a mão da outra parte
e fica ainda com uma mão livre
permitindo a liberdade de mãos
em cada um dos dois lados
cada um deles podendo se assim quiser
acariciar livremente o vento solto
ou balancear o peso
durante uma possível corrida de fuga
aerodinâmica
equilíbrio
e detalhes
apenas desvios pras nossas atenções
o adesivo na traseira do carro
com a família quase emulando uma corrente
de gente de papel
muito bem recortado
no equilíbrio dos detalhes

olhem ali
aquelas pessoas
são felizes

parábola

mas e o silêncio
o silêncio se propaga
por espaços e com velocidades
iguais
dentro ou fora do vácuo
dentro ou fora das páginas
de um livro
era uma vez uma lebre e uma tartaruga
a lebre
vivia caçoando
da velocidade da tartaruga
cansada
a tartaruga sugeriu uma corrida
que bem confiante a lebre aceitou
a tartaruga tratou logo de caminhar com passos lentos
mas disciplinados
muito rápida e muito confiante a lebre
resolveu parar e dormir um pouco
quando acordou era tarde
muito feliz a tartaruga cruzava a linha de chegada
uns poucos dias depois
estava em todos jornais
a lebre invadiu a casa da tartaruga
degolou e estripou rapidamente
cada membro da família
a tartaruga tá viva aí até hoje
e o nome
da lebre era anjo
olha ali pendurado na parede
aquilo
é a cidade do tempo amputado
ninguém

vem aqui pra questionar
o quão solitário é ser uma língua morta

os amantes de ilion

**“I will be your father figure
Put your tiny hand in mine”
(Faith, George Michael, 1987)**

a tua morte estende um teto sobre a minha
tocamo-nos pra sempre aqui sob esses templos

turno doze por doze

já fim de dia entro no uber depois de enfrentar
duas enchentes e meia
entre os embargos de gentes
decorrentes da paralisação dos trens
da linha dez turquesa da c p t m
decorrente dos alagamentos nas estações e vias
toca o telemóvel pouco antes
da entrada de casa e falam de lá

aqui é o tiago
o tiago bob esponja
tá lembrado de mim

lembro sim xará

tá lembrado do josé
o josé princesa

lembro sim tava falando de você com ele esses dias

josé da solda

depois que saí da firma
quando a gente consegue trocar umas palavras
é sempre na correria aqui pela vila
mas se parar pra pensar né
isso não é muito diferente
de como era ali na linha de produção
mas então tava falando de você com ele
esses dias

então rapaz

o coração dele desligou hoje
soube por um status
que a esposa dele colocou em rede
e amanhã é o enterro

tava falando de você com ele esses dias
caralho
o departamento médico vivia fazendo pouco caso
caralho
tava com ele esses dias

de repente fica tudo pouco mais que escuro
e tudo
tudo o que não se ouve é um rádio
que nada fala da greve dos petroleiros
olho pra cima o céu já não desaba
e não há trovão mas também
nada da revoada dos pássaros
e sequer o berro que não cessa
da chaminé do pólo petroquímico
atrapalha esse momento de luta
entre o gesto mecânico do agradecimento ao desconhecido
muito obrigado uma boa noite um bom trabalho
e a confirmação por telefone
de que amanhã cedinho antes do expediente
nos vemos pra um enterro

claro lembro sim xará

silêncio
há uma porta batendo

quando um soldador morre
emudecem

as fuselagens do mundo
mas parar elas não param
elas não param nunca

post mortem

**“What a beautiful moment
If you're willing to trade
Then I'll give you a moment of mine”
(*Time*, Mercyful Fate, 1994)**

taraxacum é uma pedra muito leve
sem o peso do receio
dessas que a gente joga
pra sorte
lançada
sobre um dos espelhos d'água
que emolduram o universo
um continente inteiro deslizando
nessa possibilidade do fim tão próximo
toma
segura e sente
essa joia do infinito

mas eu posso mesmo

claro
sente
como se a noite caísse
escorrida em tua palma
por entre
os teus dedos
rasgando a tua derme já rendida
mas calma
não pode falar assim tão perto
o nosso sussurro dispersa a pétala
o nosso sussurro
deflagra uma nova língua

e nenhuma dessas coisas é proibida
mas tem que ser assim
como quem pondera os passos
em cima
de cada reflexo
como alguém que destrói na própria boca
sem nem despertar suspeitas
um beijo que só foi imaginado

sim eu posso sentir

é sempre uma pequena história de existência
e tem um gosto de barro
ainda que um vento ou outro
assopre de volta

michael keaton

quando eu tinha uns seis anos
amarrei uma toalha nas costas
me pendurei numa espécie de varal do quintal de casa
e me joguei ao nada
pra voar como o clark kent
e foi essa a primeira vez em que quebrei o nariz
e também foi a vez
em que comecei a desconfiar
que não há super-herói mão invisível entidade imaginária
sangue sagrado
que te segure
nessa terra redonda
as coisas caem

1.2-Cannibal ferox

“As flores com que me vestiram

Eram só

Para arder melhor.”

Amargos como os frutos, Paula Tavares, 2011

“[...] Baby, I compare you to a kiss from a rose on the gray [...]”

Seal II, Seal, 1994

kotal kahn

aquí uma descrição de plano abertura
e a informação
optou-se por um plano sequência longo

que remetesse às grandiosas almas
que vieram expurgar de terras achadas
um mal que havia ainda de ser inventado

algo que diga
preferencialmente

névoa

por exemplo
e a lenta cor da aurora que a trespassa

névoa
por exemplo

e toda sua maciez característica
rasgada
bem devagar
pelos panos do velame

anote que falamos é de efeitos práticos
não vamos nos iludir
outra vez com a distância
proporcionada pela tela verde

nisso
o sol vinha dizendo
que um erro

havia de ser discutido
e foi então essa a primeira vez
que eu bebi do fogo
e o fogo era o sangue
e o sangue era o sangue
do vosso coração ainda vivo
expropriado amargo e tentador
um assassínio escorrendo entre os dedos
e que também é o meu por declínio

distribuindo funções narrativas na casa de lázaro

escolher uma ave e não dar nome

será que é aí

nesse resquício de uma imagem bem batida

nesse ponto estranho da percepção

o lugar onde reside

o que é amor de verdade

escolher a ave morta

e só isso

carreta furacão

quem quer ser aquele
que não desce do vagão
aquele que vai
de uma estação terminal à outra
propositalmente
e várias e várias e várias vezes
pra ficar admirando
no colo desse defunto
e esse é que não desembarca mesmo
um carregando e o outro
admirando
isso que pode ter como destino
uma solenidade infantil
mas quem é que sabe
aquilo que guarda
o nosso embrulhinho

nisso
passa meio espremido o marretêro
comercializando em voz alta
oferecendo-nos
a ideia que uma criança faz de um sorriso

permanecem ali aqueles dois
parados
um de frente pro outro
um admirando o outro carregando
nem percebemos o quanto
atrapalhamos a vida dos mercadores
é que estás a minha frente mas é tão longe alguém pensa
ou posta na mídia social como frase de feito
legenda de frame de vida

e apesar da impossibilidade
de saber o embrulho de uma boa olhada
bem no fundo de seu conteúdo
não há intimidade o suficiente né
nem pra isso nem pra evitar
que o laço segurando o papel estampado
cheio daqueles coisinhos da marvel
jamais seja desfeito
mas vamos juntos e eu te digo agora
amigo
olhando bem em teu rosto
você não morreu sozinho

snyder cut

uma nação de rambos
acasalando ferozes ao som de orquestra
mas em câmera lenta

e sequer ficam suados
podem reparar
olhem só pra essa estética
é decerto muito lindo
muito lindo e muito limpo

o amor

que praticam
os heráclidas

reanimator

reencarnação é o nome
ou reciclagem da carne
porque uma coisa é dizer
é bem quieto aqui embaixo
porque outra coisa é dizer
tudo quieto aqui no mármore

que esquisito esses jeitos que a gente têm
essas maneiras que a gente inventa
pra tentar diluir a morte

mas nem todo verme é onívoro
mas nem todo anjo

um açougueiro é quem sabe como ninguém
que a consciência reside
em cada uma das partes de um corpo
ele
esse deus
que desmonta uma vida
e remonta em vitrine

escolhe aí qual é a peça que te cabe

que silêncio faz aí
nessa bandeja de aço

fps

ver o mundo
pelos olhos
de um cadáver

será que é isso um vislumbre do outro lado

ver o mundo
nesse escopo
muito frágil

como é que pode uma runa ser feita de olho morto

dead eyes see no future é o título da quarta faixa
do quinto disco da banda sueca de death metal melódico
arch enemy
nunca cogitada como trilha sonora
da célebre série de jogos eletrônicos
call of duty
e você sabia
que um sniper americano
pode atingir um ponto pequeníssimo
digamos uma apis mellifera
a mais de três vírgula cinco quilômetros de distância

o aviso aos pais
como de praxe
encontra-se no encarte e na contracapa

espia só morreu mesmo agorinha
uma última abelha do planeta

num momento como esse

digamos de destruição em massa
será que vai ter
alguém do teu lado
olhando por ti
olhando contigo
pedindo
toca aí
uma música
que é pra gente
prosseguir
predando tudo com uma mirada apenas

afresco

“Oh, think twice,
'cause it's another day
for you and me in paradise”
(...*But Seriously*, Phil Collins, 1989)

o traço rubro riscado no teto
a barriga esventrada de uma cabra
no chão
o último momento de um céu na mão de um jóquei mediano
que vai de vale em vale de crista em crista
escalopando
isso que de modo algum é
sequer parece
um nascimento

é que algumas palavras servem a determinar no horizonte
a silhueta da montanha
e a mais nada

um homem chamado cavalo
já ouvimos isso em algum lugar
um cavalo sem nome e minha nossa
como os dois eram pálidos
realmente
o inferno não procede
se a gente não pensa duas vezes

o concerto

**“Not begging you, I'm telling you
You won't break me, you won't make me
You won't take me, under blood red skies”
(*Ram it down*, Judas Priest, 1988)**

mas que é bonito um metrônomo é
o ponteiro batendo o clique de um lado
dizendo
que dentro
daquele mesmo compasso de tempo é escombros
o vazio deixado no lado oposto
aviso e silêncio as moedas
de uma mesma badalada
vítimas
de uma sirene antiquíssima
quantas paredes derrubadas será que cabem
num abraço gravitacional tão íntimo
quantos
desses mísseis asm
pra que isso de vir com essa sigla aqui
asm
quantos estão
realmente propensos
a perfurar o vazio de um céu tão calado
ou entregarem as vidas em armistício
tão mais sagrado será um solo
quanto mais exposto a esse adubo
minerado de tijolos mortos
então claro
mas é claro que não se perdoará
nada que permaneça ileso
pela voz do pó

uma outra cantiga pro mundo

solução

de quanto peso é que era feita a tua casa
e já não verás nenhum sítio onde morar

solução

pois pra sétima trombeta
sequer um tema existia

solução

mas que é bonito um metrônomo
isso é
você não acha

sekishiki

polir o metal

apagar a paz do vidro

máscara da morte

groot

e não é que dá
até um troço na língua

gente isso aqui não é piada não

se paramos pra pensar
que as nossas frentes meteorológicas
nos metem nas narinas
os ares rechaçados
por outras entidades

enquanto derretem as calotas
e as dignidades em que pisamos em cima

o jardineiro é jesus
e as árvores
pras árvores quem é que liga

lusíadas

vem cá

ouve

percebes

é a terra girando

e esse barulho

de coisa rangendo que escutas

ser herdeiro da exploração é ser

conivente com ela

patrão

isso é o som

vem cá

escuta

da gangrena

na engrenagem

do eixo da máquina do mundo

o que há para jantar

no dia da festinha
a conversa evoluía de um jeito
mais ou menos apreensível
mas nem devíamos estar aqui de ouvido
nas conversas dos outros né

então
eviscerando vai mais de uma hora

o que é isso eviscerar

é como abrir um peixe
primeiro a gente faz um corte longo
depois remove tudo o que não seja carne
costura e devolve o peixe pra água
mas chega desses assuntos
agora vai lá
assopra cada velinha
com a força de quem leva
a fome
pra presentear cada um dos amiguinhos
sem essa de primeiro pedaço ou
favorecimentos
sem distinção nenhuma
entre os falsos
e entre os verdadeiros

hänsel und gretel

e então esgotados
sem força nenhuma

que seja ao cabo de sete dias vai
quem é que a essa altura
fica contando tempo

cada um leu no olho do outro
o seguinte emblema
esculpirás um ovo com toda a sua vontade
no epicentro
da tua própria culpa
e assim vais operar o castigo
pelo milagre da carestia

agora cantamos juntos

nosso sangue nessas mãos
tua ceia bem servida

cantam juntos reunidos
ao redor do aprendizado
ele todo
que jaz ali reduzido na voz
da fogueira morta
nem a queda nem o dilema nem a coroa
de condolências que engastamos
no fundo de nossos sagrados peitos

uma maçã não se nega

depois é só caminhar mais um pouco

derrubando costelas
ao longo de uma eternidade bem difícil
bem difícil mesmo
todo esse caminho
carcomido por migalhas

1.3-A síndrome do vídeo

“Olha quantos estão comigo
Estão sozinhos
Estão fingindo que estão sozinhos
Pra poder estar comigo”

Reino dos bichos e dos animais é o meu nome, Stela do Patrocínio, 2009

“Oh my God
Who should I be?
What is it you want when you come for me?
Every time, you're another evil
Waiting for an angel that you bring to hell [...]”

Shabrang, Sevdaliza, 2020

extermínio

olá

acabas de nascer e dizem

que isso é já o mínimo

de tudo o quanto podes fazer

mortos como os amores

papeamos sob a tua luz

a miudeza de todas as nossas esperanças

estampas o teto desse mundo

feito um dilema

e tens os olhos de astro

o olhar de um astro aceso

se de ti

por vezes

retalhamos as pálpebras

perdoai

a ânsia por tecido quente

desses

que pisam esse chão mumificado

não gente

podem vir

não tem problema

a gente não atrapalha a conversa deles não

pode estender por aqui mesmo

a toalha

pra esse café da manhã mais lindo

vem

não é início tampouco é o contrário disso

nasceste nesse instante e já não há tempo

pelo sem fim que nos encerra

e talvez até

por vezes
contra a tua vontade
conto contigo

acme

em que tamanho deveríamos compor
o céu pra que dele não transbordasse
digamos

o crepúsculo
um foguete
um coioote cavalgando o fim dos tempos
os caminhos falsos
pintados nessas paredes antigas
uma pomba branca
extremamente feliz
participando da reconstrução do crime
no qual foi baleada duas vezes

a percepção
de que é tão somente
uma arapuca pro mundo

curso de aprendizagem industrial

porém não é de todo certo
não se pode dizer com certeza
que o decreto de uma insônia perpétua
daria com o fim
promoveria
como que o extermínio
dos sonhadores de longo termo

ele nunca mais foi o mesmo
depois de tanto tempo seguido
no turno da madrugada
ele nunca mais foi o mesmo

as portas estão fechadas
por hoje em kadingir sanctum
talvez esse fosse o último
dia
desejo

dar o sangue pela firma

a tocha do polo petroquímico
não se curva pra ninguém
e pede sempre sacrifícios

murdock

tanto a lei quanto os marca passos
exigem a lida com falhas
o criacionismo nesse nosso mundo é implacável
dizem
também digo
implacável e quem sabe
se os deuses se os globos oculares
vazios
poderiam ter dado certo

acabam-se as provisões
na cozinha de algum diabo pobre

é difícil que aqui não se faça constar
a éfrase de um minério moldado em braile
e claro
a imagem mental que o som nos informa

enxergar as pessoas
mas só
ou tanto
outra vez
pelo vago contorno
proporcionado pelos batimentos

na volta a gente compra

oi pessoal tô gravando esse stories
que é pra mostrar pro mundo o que acontece
o entregôndolas de um mercado de vila é mais estreito
te permite
alias te permite com facilidade
ficar com a atenção auditiva
dividida entre a funcionária chamando no interfone
fulano
fulano
comparecer ao setor de seja lá o quê
sendo que fulano nem tá longe uns quinze passos só
e uma senhora respondendo outra
ah ela tava aqui
ela tava aqui ainda agora
era a morte
era a morte em visita você sabe
puxando uma criança teimosa pelo braço
nossa
deus me livre ter filho pra mimar assim desse jeito
pra passar essa vergonha
nunca que filho meu
se jogava no chão assim
desse jeito
certo tá aquele senhor ali
que escarificou uma cruz
nas costas da criança dele
e deixou ela bem atada pra sempre
no lado mais tenso de um destino
é um absurdo mas por hoje era isso
pessoal

levain

colocar o foco não na mulher de lot
tampouco em lot ele mesmo
quem é esse tal de lot
apenas mais um
arrastando um saco plástico
que não esconde mistério algum
é um saco de óbito
observar sim o evento
esse evento único
de cada partícula
das pedras do sal
em seu trabalho de braços e mãos se agarrando
unindo-se umas às outras
controlando
as velocidades de crescimento e outras misérias
até cogitamos entender da química
mas quando olhamos pra trás já não há mais tempo
ou será que sim

eleven

**“I, I wish you could swim
Like the dolphins, like dolphins can swim”
(*Heroes*, David Bowie, 1977)**

com a mente
ou o que seja

que seja o truque da fala
que seja o simples do gesto

a força que mantém a corda presa
entre a ponta dos dedos e a escala

com a mente
com o que seja

os sinônimos trocados no silêncio

um amigo apanha o outro
que despenha no abismo

semper fi

vai pai canta pra gente
aquela que começa com era uma vez

a memória
de um filho morto
diz pra memória de uma filha morta
que o papai viajava
era pra matar vários

já mandou quantos pro saco hein papai

segurando a criança no pescoço
papai explica
um músico virtuoso não compreende
por que é que em certos contextos
todos os outros se acanham
um músico virtuoso
não percebe a separação silábica
da palavra hesitação
por isso é que ele não experimenta
a música plenamente
mas a domina
com um soldado de elite
dá-se o mesmo
papai explica
esmagando a traqueia da memória
ele se dá conta
de um jeito estranho
que um justiceiro
é um justiceiro é um justiceiro
e percebe um final muito bonito
pra uma canção militar

daquelas de treinamento

pazuzu

a boca da mulher se movimenta
mas nós aqui na sala não ouvimos nada
pois é só na cabeça do homem em pé
prostrado de frente à cama
que soa essa fala

por que me deixou meu filho por quê
meu filho olha o que fizestes

e outra vez se movimentam
esses lábios
lentos porém inquietos
velhos mas não imprecisos
dessa vez nem cogitamos ouvir
pois já sabemos onde toca essa mensagem
bem como sabemos
que certos lugares
são impenetráveis ou assim os pretendemos e olha
não são poucos

mas quem agora pra deixar o copo
de água pra mim
ali em cima do rádio
pra tomar a benção
por que me deixou meu filho por quê
meu filho olha o que fizestes

dessa vez tentamos dizer alguma coisa
só que desistimos
junto desse homem sabemos
que as pessoas que já se foram não deviam
estar por aí agindo dessa maneira

por que é que você veio até aqui mamãe

com licença senhor mas esse leito
precisa de ser liberado e limpo
pra mais uma temporada
as pessoas que já se foram não deviam
estar por aí nessa forma do lamento

deixa o homem em paz deixa
é que essa noite satanáas trouxe pra cama
essa memória um presente pro nosso amigo
que contempla agora a mãe
deitada com o diabo
no sonho do padre karras

kimura

girar no sentido contrário ao da articulação
o ombro do mundo

e do lado dessa estrofe
num tempo verbal que desconhecemos
um gambé da rota espanca
aquela senhora negra
rendida e imobilizada

olha que nem é de aço o ombro do mundo

mas o que será que cede primeiro
a cartilagem
ou o instinto

fortnite

a vida parece uma cópia quando a gente tá sozinho

essa é a variação da fala de uma personagem

inventada é claro

e fica aqui assim

como a parte final pra algum texto ou de sugestão

pra uma dessas telas de carregamento

o mundo caindo

o círculo fechando

mas olha aqui vou te contar viu

o pessoal não abre mão

da preocupação com epígrafes playlists e passos de dança

veste de volta o headphone

um vizinho

martela as paredes de um vulcão que nem é dele

um cachorro

corre atrás da roda do planeta

um médico sem fronteiras

discorre sobre os futuros significados que terão essas feridas

ainda que sequer tenha compreendido

muito bem como fechá-las

e numa outra janela

lá no fundo

outra criança

grita

comigo não morreu

pra uma contraparte dela

que replica com seriedade

eu sinto muito pela sua perda

olha aí

como é esquisito o gesto

daqueles que competem pela nossa ajuda

mantis

é que cada pedaço
de pão que se insinua
nessas mesas já fartas
diz de ti o seguinte

és uma onipotente divindade da carnificina

enquanto em outro local
um lugar agraciado
com outra sorte de mesas
um inseto verde pousa

nele
se observa
uma postura distinta
no primeiro par de pernas
uma postura
comum
aos animais quando em posição de repouso
uma postura
muito semelhante
àquela
adotada quando optamos
pela oração

a ira de um tapa
recai sobre a mesa

vazia exceto pelo inseto

tudo isso diz de ti o seguinte

tens uma vida que acontece apenas quando ceifas outras

na mesa

uma comunhão verdadeira

o crânio suado de deus

esmagado

nas solas dos povos

funko

singularidade cósmica

pedra do infinito

uma relíquia da morte

tão eloquente na cultura pop

o luto

é mesmo joia solitária

1.4-O vingador do futuro

“Colunas erguidas em nome da imanência
– Deuses cruéis como homens vitoriosos”

O búzio de cóis e outros poemas, Sophia de Mello Breyner Andresen, 1997

“[...] Quando ouvi Prince, dancei [...]”

Aos vivos, Chico César, 1995

várzea

foi quando a gente viu
a infância esticada no chão
a nossa própria
súbito
tomei o giz dos dedos do legista
e rabisquei mais uns traços por perto
coloquei um nome
um em cada ponta
céu inferno
ou o contrário e se bem me lembro
ainda um aviso
cuidado
com o lugar onde teu pé encosta
hoje
nenhum de nós
passou na peneira
no futebol

hellraiser

esfarelar as almas
que são elas as raízes
portanto iniciar daí o abate
é imprescindível
assim como é necessário
fazer também com aquela brasa pequena
que teima e teima em sobrar no pavio
teimosa
depois de assoprarmos a vela mas só depois é claro do desejo
e ela sobrevive
ela sobrevive
e sobrevive
aquela bendita brasa
pequeníssima
até que finalmente a coragem nos pega

olha gente será que já faz quanto tempo
que deixaram esse negócio aqui queimando
parece a pele derretida de um reflexo

umedecemos as pontas dos dedos
torcemos a imagem
salvamos a cera
enfim
esse arremedo essa espuma
que fica dos nossos dias

captura de tela

a morte da primavera
na palma da minha mão

esse cadáver perfeito
corpo que não necrotiza

pensa
e se dá na telha de uma empresa qualquer
encher uma ampulheta com os dentes de um leão

que sorte a da primavera

é uma estrela muito fria
a palma da minha mão

rozan shōryūha

por que você não tenta reverter
o fluxo do rio ou até mesmo
numa sequência sonora
mais ousada
fazer correr ao contrário
uma cachoeira

tá bem eu vou te mostrar

onomatopeias
uma quantidade extensa
de golpes e tudo
beirando o desperdício

patético
tudo que conseguiu foi agredir
a superfície de uma água
que sequer sabe
de você nem saberá
jamais
enquanto estia o universo

pois olha só uma coisa
aí mesmo é que reside
a força do nosso enredo

então vamos de novo do início

batalha da leste

tu repousas tua linha da vida
no meu ombro
meu irmão
mas manténs inexorável teu semblante
como quem testa na mão de outrem o peso
da palavra que esteja em voga e ora
a palavra é essa que repetimos juntos
coração
coloca então essa benção qualquer
na mão de um teu semelhante
deseja uma farsa
pela mão de outrem
vem cá
canta um pouco mais conosco

é muito verde a visão à noite
a visão à noite é muito verde
mas jamais treme a mão dominante
a mão dominante nunca treme
me desculpem
é que eu olhei pro meu colega ao lado
e pensei aqui comigo
tá morto
mas não
ele só tava melhor posicionado
um destacamento militar é só isso
uma tumba que caminha

repousa tua palavra na mão de outrem
boa noite gratidão
como quem
tira o pino

e cozinha
a granada de fragmentação

hécuba

mantém o quarto
sempre arrumado como se ele ainda
pudesse usá-lo
como se ainda fosse usar a caixa de sapato cheia
de peças perdidas
de jogos de tabuleiro e estilhaços da infância
lego é o nome e até hoje pisa descalça sem querer
em um ou outro que restou jogado por ali
o yu gi oh
se precipitando
espalhado permitindo leitura
o conga o kichute
sempre maiores que o pé
bom isso agora já não é mais um problema
o vazio calça qualquer número
sem se incomodar com isso
o vasinho com a flor no parapeito
ela é quem mantinha
fazia questão que não fossem de plástico
é que assim elas ficam sem ter como guardarem
as próprias lembranças
dizia
e é essa imagem
dessa flor
depois de todo esse tempo
vocês por favor imaginem aí como é que ela não deve tá agora
a imagem dessa flor
que eu desenharia aqui
pra explicar pra vocês
fosse o caso
de explicações serem ministradas
pra demonstrar pra vocês

qual é a aparência
que tem essa deusa da memória

a escala de ébano

sem nem estender
ou flexionar

mas como é que pode uma coisa dessas
você enxerga as notas já no braço
será que é algum método
ou simples fundamento
os dedos se manterem sempre unidos
à superfície do planeta
em que
caminham

isso é possível porque penso assim

ver o sol
na vertical
ver o sol
na horizontal

a gravidade é quem nos dita o ritmo

fac símile

dar um real pra quem tem fome há dias
síndrome de deus

sombras da vida

uma efigie encoberta por lençol
que é pra não pegar pó
vale mesmo uma paisagem toda
tapando ferida na palma de uma mão invisível

e eu
aqui ainda
uma ausência sitiada
morto
sem que pra isso
o mundo morra também
e você
será que não me adivinha
quando acaricia o tempo
escondido debaixo desses panos

mas e se a gente adivinha
acontece o quê aí

é como se instalassem vidro
por debaixo da tua pele
depois te abraçassem
até
aos limites
do tempo

allegro

futuro e passado
e a falsa sensação que atribuímos

será mesmo que todos nós atribuímos

de que um
tá de frente
com o outro

ainda que em direcionamentos contrários

ou será que é mais pelo meio da testa
um ponto
um buraco de minhoca
uma entrada de bala
o ponto cardeal
onde muita gente toca a ponta superior
do crucifixo
o clique mais forte
da batida do compasso

no meio silêncio
ma non tropo

not in my watch

quis custodiet ipsos custodes
nos custodimus

vejam eu garanto
que nessa gestão
cada silêncio
vai ter a sua noite própria

mas nem é dia de jogo e esse foguetório todo na rua

quis custodiet ipsos custodes
nos custodimus

colheita maldita

bem-vindo a gatlin ou a sarajevo
aqui
onde placas
dizem boas vindas
onde o obituário dessa noite
de certeza vai prever
a população local
de cento e sejam quantos habitantes
descendo pra no mínimo a metade disso
o que representa um percentual de
muito
muito mesmo
nas paredes de cada residência
dizem ainda essas placas
enunciatárias da paz
tu vens
tu vens
como uma foice que cortasse um nome

legião

**“In Nomine Dei Nostri
Satanas Lucifer Excelsis”
(Rituals, Rotting Christ, 2016)**

eu tava aqui ouvindo o sermão e pensei
como é que nenhum dos três porcos se deu conta
que poderia edificar a casa
com paredes de memória
com os crânios
com as peles
com as cartilagens retorcidas
dos lobos mortos de outrora
tudo bem
a casa
não aqueceria como se espera
não há dúvida disso
mas com toda certeza
significaria

1.5-No céu tudo é perfeito

“Regresso à casa. Ao longo dos anos o vento laborou
a forma das laranjeiras, torceu-lhes os troncos.
A memória varre a plantação como uma louca.”

O livro dos fracta, Horácio Costa, 1990

“I know it sounds funny but I just can't stand the pain [...]”

Angel dust, Faith No More, 1992

nekraVOL

contemplavam os cordeiros empalados não no centro
mas nos arredores da linda ceia
todos muito bem dispostos e temperados
um ótimo
emprego das especiarias
a especiaria às vezes não te parece um pomo
de discórdia
empírico e muito mais
do que se possa cogitar nessa mesa
antiquíssimo altar de sacrifício
um pensamento ou outro
apenas
vinha deixá-los um pouco sem jeito

como jantar esse seu músculo cardíaco

um pensamento na cabeça e uma visão
periférica perfeita

mas será que as almas são só uma fonte de energia
pra uma espécie moribunda
não tudo bem
dorme em paz
que a noite é feliz e a carne
a carne é apenas uma
de quantas dessas nossas vias

nós

“Aqui é sangue fundido em concreto”
(Direto do campo de extermínio, Fação Central, 2003)

de caminho pela vila
nossas melhores partes decupadas por um astro
eram partes
ainda nossas mas vazando
por cima do asfalto e olha
era quase um tanto mais que bonito
ver esse rastro e trajeto
nos entalhando na barriga do concreto
por anos e muitos anos nos inventando
uma cirrose quietinha nos desenhando
pelo lado incorreto da caverna

a boca de lobo se engasga vez ou outra
essa tosse
é a voz danificada da história

nossa senhora meu são brás
mas tava tão bem até ontem não acredito
por isso que eu digo
menina
pra morrer basta tá vivo
ou só seguir assim

de mãos dadas
cada um
segurando na sombra do outro

monumento às bandeiras

de pó em pó de pedra destruída
cada antepassado teu
é esse punhado de terra pálida
revolvido no galope
ora fraco ora distante
desse cavaleiro morto
montando um cavalo morto
mas que ainda trota
e morte e fome e peste e santa gesta
homem cavalo pisando passados
disso é que um brasão é feito

todos eles trazem armas
nenhum deles traz arado

deve ser por isso que os teus fantasmas
têm a pele das mãos assim macias
mas isso é claro se a memória não te falha

animais minúsculos

**“A paz tá morta, morta, morta, desfigurada no IML”
(A *marcha fúnebre prossegue*, Fação Central, 2001)**

enquanto
o filho que já teve e não mais
desenha ainda
com os dedos que agora
empiricamente nem existem
silhuetas de monstros na palma dessa mão
sabem
como naquela brincadeira de adivinha
vocês conhecem
vocês sabem de qual eu tô falando né
aquela em que a gente tinha que descobrir
somente pelo tato
qual era a letra que nos escreviam
por cima das linhas da vida
e a letra eme era sempre a da morte

enquanto
no rack de armazenamento um pouco mais à frente
de dentro de uma boca mal costurada
mas tão mal costurada que se poderia
com as próprias mãos
pensa por um momento
puxar dali
qualquer segredo como esse aqui
ao qual a leitura labial de uma ruína dá suporte
escuta
escuta aqui
a morte em declínio
pensa por um momento

um nascimento é a morte em declínio

e dá vida a uma silhueta naquela mão fria

fecha os olhos

cerra o punho

reconhece

guarda tudo com muito carinho

guerra ao terror

não é necessário muita ciência
tampouco conhecimento avançado
numa demonologia kandariana
o necronomicon nada mais é
que naturom demonto
o livro
que nos conta
os nomes da morte
isso é tão reconfortante
quanto
geopolítica ou um fac símile
um fim do mundo
muito mais que verossímil

quando ultrapassarmos a vigésima fase do ucm

caralho tio
então quer dizer que é isso
quer dizer então que se eu
involuntariamente
que seja
permito minha participação
na montagem de cena digamos
de um dia de chuva na vida de outrem
daí esse tal outrem vai e conta
digamos
essa cena

o nome é memória mas já sabemos que nem todas as vezes né

pra outrem ainda
ou mesmo que não conte
mas cantarole por aí
vai que alguém escuta

corro eu o risco
por aí em qualquer lugar
em qualquer momento
de que em mim chova pra sempre
numa cena sem sentido imediato
pra mim mesmo
ao menos pra esse eu do principio
caralho
vem cá
sossega
cala comigo

bastidor

é maio e vemos uma mãe na praça
e mesmo que outras
não se reunissem
especificamente aqui
especificamente hoje
o plural
já se precipita como afirmação inevitável
uma mãe solo
e nada nos impede de chamar solo
a essa mãe nem mesmo o plural
pois sozinha nessa próxima imagem
em que uma dessas mães solo borda um filho
com uma linha muito desgastada
comprada presencialmente
no bazarzinho ali no pé do morro
daquela senhorinha mãe daquele menino assassinado
isso aquele mesmo
aquele que era gari e foi morto
à noite na rua que tinha varrido de dia
aquele
que a imprensa especializada
divulgou como criminoso
essas mães solo estão entrelaçadas
mas dá pra ouvir certinho cada uma
eu gosto mais quando esse meu silêncio
fica parecendo
o lado avesso do bordado

spawn

então parece que a verdade causa dor
mas que constatação nada difícil essa
isso nem valeria um texto por exemplo
então é melhor pensarmos um outro rumo
lembrar daquela vez que cagliostro
falou sobre uma armadura
essa armadura que nós apenas usamos
por reflexo que desperdício
é que você deve aprender a controlá-la
ele nos revela
são trilhões de neuroconexões
extensões vivas de seus próprios instintos
que instantaneamente
traduzem
seu pensamento
ou seu texto
em realidade física
a necrocarne aguenta muito mais que um verso
pois caminha e sente cheiro e odeia
coloca em ordem nossos desesperos
nem sempre tão escassos nem sempre
guardados com seres muito quietos
silenciosos
brandindo relâmpagos
domando o enxofre e vertendo
espanto e outras senhoras das dores
é isso mesmo que vocês ouviram
ou leram
é no osso
que o ofício da dor se inicia

há vinte e sete ossos numa mão humana

em uma das minhas já não há mais

a carne o pó e a fratura

a minha cantiga

e o espelho

é um soldado do inferno

é um renascido olha ali

mais do que isso o mundo não precisa

um céu

refletido nas pupilas de um cão extinto

é muito provavelmente

todo o real que precisamos por extenso

dio

os horrores cósmicos
os tesouros dos céus
empiricamente aqui reunidos
prestam homenagem
àquele que tem na traqueia um belo polvo
feito de metal
controlando as trombetas que liberam
os cavaleiros de neon na nova gênese
ele
que tem um trovão deglutido no palato
ele
cuja palavra esculpe um arco íris
ponte
unindo em matrimônio o céu com inferno

nessa extensão vocal de uma garganta morta
o silêncio se curva e se retira
e o verbo
aqui
pode sim ser o primeiro

na tessitura
desse único
deus possível

sicário

passou feito um borrão
a camiseta dizendo
que sim existe amor
em tal cidade x
quase como se fosse
uma espécie de trato
é até de se parar pra pensar
será você não quer saber mesmo
qual o nome de cada rosto que te corta
na janela do trem
por que né
vai que termine ofuscado
esse escapulário mais sincero do mundo

o nome

não

a frase

caralho já vai começar de novo
a pregação no vagão

é que as vezes
olhamos o nosso próximo
e pensamos
morte

invocação do mal

sabe aquelas histórias mal contadas
daqueles cheiros pútridos
emanados por entidades inefáveis
todas elas
são histórias

há que se lembrar
dogma é nada mais que a ditatória gestão
de tudo o quanto é sensório

são todas elas histórias da liberdade

daí a importância de voltarmos
se não todos ao menos
um dos nossos sentidos
ao que aqui foi deixado
silenciosamente
como algo interdito

entre um pai
entre um filho
e um espírito

enquanto ouvimos atentos
sobre aquela mulher que levou na barriga
o páthos de uma civilização inteira

dizimadas ou não em prol do livre arbítrio

isso aqui deixado assim
em silêncio
nesse banco

dessa igreja
como alguém que não dá um pio sequer
ao depositar a própria criança
naquelas mãos confiáveis
numa espécie de batismo
em que o nome é o verbo
e são ambos alívio
um substantivo chulo
entregando a possibilidade da fala
um lugar pra quarta pessoa do singular
finit hic deo
deus termina aqui
nesse assento
desse banco
dessa igreja

tropa de elite

irmãos eu tive um sonho
e ele é recorrente
nele
a gente tá no palco
daquilo que parece
ser uma bateria
de exercícios marciais
extremamente patéticos
ao som de brasileirinho
e aquarela do brasil
e garota de ipanema
na plateia estamos todos
os fodidos que foram mortos por outros fodidos
mas que caralhos é que todos fazem nesse aperto
ora eles aplaudem
outrora aplaudimos
todos nós aplaudimos
de um jeito que é só nosso

pro bono

são dois irmãos e um deles
vai optar pela morte
mas isso é spoiler nesse mundo em que vivemos
as personagens não podem ficar assim
tangíveis desse jeito
esse movimento
é uma escolha mas também é um espaço
e que recusa-se a ser aferido
ou indicado por algum sinal
por alguma marca
todo banimento
acaba por ser uma ilha
inteira cravejada
pela insinceridade
daquilo que é destino
ou do que é insistência
olha que são dois irmãos
olha quanto importa quem é que morre
então quando colocar a ficha na máquina
faz isso já sabendo
que viver a experiência
não é garantia
de uma experiência viva
and the winner takes it all
eram dois irmãos
um deles a própria morte

teoria big bang

“Bring your friends, bring it all on

Oh, don't suck it up, no”

(*Asylums for the feeling*, Silent Poets feat. Leila Adu, 2018)

ouve essa voz em suspenso
que pode ser até a voz original
ou do dublador respectivo
escuta
certa vez
houve uma explosão

lembrei qual estância
corta mais que aço damasco
silêncio e outono

é o nada inaugural

certa vez
houve uma explosão

uma imensidão de verde
semeado por ninguém
uma imensidão de azul
idem
o mundo assim recém feito

girando pela primeira vez

certa vez
houve uma explosão

uma rosa

colocada sobre a mesa
o genitor da rosa deslumbrado
orgulhoso das hienas dispostas
ao seu redor
ao redor da rosa
a rosa é um totem de bajulação
e as hienas eram como residentes
doze deles cercando um cirurgião chefe
doze apóstolos cada qual portando
a própria calibre doze

a vida como a conhecemos

e então veio outra explosão
ah mas vocês tinham que ver que linda
é que a rosa
é uma entidade de extinção

1.6-Sociedade dos amigos do diabo

“O enigma é outro — aqui não moram deuses
Homens apenas e o mar, inamovível herança.”

A dolorosa raiz do Micondó, Conceição Lima, 2012

“[...] No more I love you's
The language is leaving me
No more I love you's
The language is leaving me in silence [...]”

Medusa, Annie Lennox, 1995

gepeto

como é que pode alguém dizer que um filho
jamais deve ser visto como espelho
o luto por vezes é uma coisa tátil
vejam
provavelmente por isso
é que ele desbasta essa peça de madeira
até o momento em que ela diz
perfeito
ou qualquer outra mentira

tamanduateí

não consigo me lembrar direito do número
mil novecentos e noventa e dois
noventa e três
é engraçado procurar os endereços
que já foram a pique na memória
acho que foi no oito
foi quando eu tinha uns oito anos
lembro bem mesmo é de tudo alagado
e de cima do telhado
eu olhando
a geladeira flutuando ali na rua
agorinha mesmo
eu com oito anos e batizando
meu primeiro transatlântico
brincando ali
dentro da minha cabeça
que é pra fugir da água suja já no pé direito
brincando
que meus pais é quem comandavam o navio
a geladeira e a casa
mas a gente não falava terra à vista não
nem eu ficava toda hora
já chegou já chegou
a pergunta era essa
uma pouco mais baixinha
mãe
pai
quando o sol se deita aqui
por trás dos nossos telhados
vocês acham mais que ele se põe
ou que ele se encolhe pra chorar

delorean

olá meu nome é martin
e eu tô aqui hoje pra contar uma história
pra vocês
de novo
mas o que é hoje né
quando eu tinha uns dezoito anos
um conhecido
usávamos bastante essa palavra
conhecido
pra riscar uma linha nem tão tênue
entre aqueles que não eram amigos
mas que ainda não tínhamos marcado
abertamente no escopo
da inimizade
esse conhecido
que recentemente
passara no concurso pra gambé
querendo se mostrar nos exercícios
do curso preparatório
preciso dizer
nessa ocasião
encontramo-nos por uma infelicidade
infelicidade coincidência acaso
variações de nomes pra dobra no tempo
colegas em comum são a ponte de cronos
esse conhecido então
querendo se mostrar nos exercícios
apontou dois revólveres carregados pra minha cara
um em cada mão
um na mão direita
um na mão esquerda
só pra gente ver como ele era bom

desengatilhando as armas
as duas mesmo tempo
enquanto explicava
que esse era um exercício típico do curso
preparatório pra gambé

meu celular avisa que chegou mensagem

salve mano beleza
você ficou sabendo
de um cara baleado
na avenida aí ontem
por volta das x horas

salve mano beleza
nossa foi bem aqui
perto de casa mesmo

foi sim no lava rápido
em frente o hortifrut
o cara que mataram
foi o carlos guardinha

porra mano fazia uma cota
que não trombava ele por aqui
de vez em quando só
na loja de conveniência aqui do posto
será que foi assalto

foi não parece que chegou um carro
um cara desceu
chamou e quando ele virou era ele mesmo
descarregando um revólver
um só na mão dominante

do jeito mais equivocado que é possível
sentou quatro tiros nele
certeza que foi por treta
alguma treta que ele arrumou tá ligado

a questão
filho da puta
é que você e eu não podemos ocupar o mesmo lugar
seja ou não um espaço

mas isso não é mensagem
pra ser deixada hoje

krampus

que importa
a cor que tenha
a barba branca do pai natal
se os globos oculares
são vazios quase sempre
espólio emborcado no saco de chagas

fazei o bem

isso é um motivo
e no mais das vezes
isso chega

decantação

num daqueles quartos da minha infância
vejo sempre a minha mãe
surpreendida até hoje
com todo meu encantamento ou antes
com a possibilidade
a cada vez que revejo
na tevê aquela série
era um pai
ensinando uma filha
a forjar transatlânticos
só com papel barato
com as mãos
e uns poucos passos

netuno é nada mais que vento e água e morte

e jamais alguém ousou
entrar aqui nesse cômodo
entoando planos
que buscassem afundá-los

atividade paranormal

olha essa câmera que quase caminha pra trás
enquanto um protagonista
se desloca ostensivamente
nessa direção
que é nossa e também da cena

mais tarde vou entrar
pra morrer tranquilo
na cadeira aí da sala

mas olha que tá morto já faz um bom tempo

perdoa então
essa minha insistência

esse protagonista involuntariamente
toca de leve e derruba
um porta retrato dessa estante
o único
em que o rosto
é o que menos importa
pensamos
enquanto ele retorna

é que sem rosto somos um pouco mais livres
você não acha

perdoa então
essa nossa insistência

batalha da matrix

“Bem-aventurados os que têm voz.”

(Motoko Kusanagi)

é um déjà-vu com toda certeza
mas obviamente tá todo errado
na troca de cepa que é cada página

a metade siamesa
do espírito que eu vejo
quem me diz cuidado frágil
mas com que será que eu rimo

na troca de cepa que é cada página
nós dedicamos muitos quase todos
os nossos lamentos por sua perda

antropônimo

uma brigada científica discutindo os campos
e as possibilidades das realizações
semânticas
e não só e mais ainda
preocupada
com essa coisa sôfrega nos escorrendo de dentro
nos cantos e nas bocas
fica de repente assim
atravessada de silêncio
enquanto numa desnatural troca de pele
tem o nome
escaldado numa pia
baptismal tardia e equivocada

faço carreto de mudança

é que se cala a sonoplastia do tombo
tem dessas vezes
nas quais a queda
ensina nada

cada um de nós têm um par de asas mas nem todos
nós sabemos o propósito

morreu
pra sempre agora
o cão que há um tanto
aqui já não estava

satsui no hadō

vi chamas acesas
atravessa a brasa o soco
e vi chamas mortas

unchained melody

naquela que creio
ter sido a primeira vez que fui ao cinema
ano zero da última década de um milênio
nos atrasamos na entrada
na verdade foi um belo de um atraso
então pode ter sido pelo caminho
o motivo
não lembro
mas aquela moça já tava ali sentada
no topo da escadaria
quando nós entramos
com cara de choro e rolando devagar
pra frente e pra trás
o pote de vidro vazio que num descuido
descuido pode ser um dos nomes que damos
ao propósito
rola escada abaixo
se estilhaça
assim nessa voz passiva
sintética
horrível
pra acentuar um pouco mais o desalento
como às vezes nós fazemos também
com a palavra perda
depois é que eu fui saber
dentro do pote vidro
tinha uma moeda
entrincheirada no vazio
fazendo um som como fosse
jukebox do infinito

nossa mas o encontro desses dois nem começou direito

e já tem esse jeito de saudade

é que nas pontas dos dedos eles já percebem
que nem o início nem o fim
são necessariamente as partes intangíveis
de tudo aquilo que é finito
vai
toca o tapete de fóton
caminha a luz enquanto espaço
a história dos fantasmas é isso mesmo
um dos possíveis contrários de ausência
uma história da luz por ela mesma
uma psicografia invertida
uma melodia
liberta
do outro lado da vida

valar morghulis

houve um tempo
em que um pai
transformava turnos ininterruptos
as horas extras diriam
os amenizadores de semântica
lotes e lotes de peças executadas
sem uma sequer
danificada ou fora dos parâmetros

hoje ele não matou nenhuma peça

diriam na linha de produção
e na ferramentaria da fábrica

uma era
em que um pai
transformava coisas brutas
em futuro aparato da expiação

uma coroa pra cristo
corte na testa do mundo

1.7-Muito além da cúpula do trovão

“[...] uma pressão
no coração das coisas [...]”

Holograma, Mariana Godoy, 2023

“[...] I thought that I heard you laughing
I thought that I heard you sing
I think I thought I saw you try [...]”

Out of time, R.E.M, 1991

sweet home

a tua vida estende um teto sobre a minha
mas isso é verso e limitado pela métrica
não diz por exemplo o quanto
cada um dos passos que articulamos
debaixo dessas estrelas paralíticas
segurando
como segurássemos a última pétala
da palma da flora aniquilada pelo mundo
um na mão do outro
impede a ruína de cada outra estrada
não diz por exemplo o quanto
ao mirarmos ao mesmo tempo
o esquecimento em todo seu tom
inexorável
e mesmo se coberto de uma demão de cal
o tornamos
o esquecimento ele mesmo
apenas mármore [apenas nada]
todo o mármore de que um olho é capaz
não diz por exemplo o quanto
uma flor que pensamos juntos
inscreve uma elegia
no sentimento raso do infinito
visualiza
vela
flor
flecha
cuja ponta lacera o escuro
a tua vida acende um teto sobre a minha

ezúmia

**“See the sunset, the day is ending
Let that yawn out, there's no pretending”
(*Death Stranding OST*, Jenny Plant/Ludvig Forssell, 2019)**

talvez omitir a palavra inicial
seja uma boa direção pra um começo
dirimir o conceito de início
apenas observar essa cena
algumas aves dispersas tateiam
na carcaça de uma amiga imaginária
que encalhara em solo firme
a intenção do voo
a submersão prevista
a pausa e também o gesto
as silhuetas de nossas pegadas
pesadas sobre tórax do mundo
e tudo o quanto outrora inevitavelmente
demandara corpo
tudo isso agora liquefeito no mesmo
triste ácido gástrico
sem vida e disperso
na medida do possível
o horizonte na linha do mar
assim como estivesse contraposto
ao esgoto
que rasteja a céu aberto ao longo da areia
até conseguir tocar os finais das ondas
uma estrela
despeja o tempo sobre tudo isso
até atrapalha um pouco
a criança escrevendo umas coisas na orla

eu amo meu papai e amo minha mamãe
enquanto vamos daqui
sangrando em petróleo
nós
as bestas

a estrela diz pra essa nova amiga
toma
segura aqui um punhado
do meu fôlego
bem na palma da tua mão
the power of the sun in the palm of my hand
retifico
enquanto só desejo mesmo o fim
mas entrego
tudo o quanto posso

refração

quebrar em dez pedaços uma fala
será que um mesmo pulso é aferido
em cada fragmento que se forme

quem é que vai dizer que é impossível

são aniversários e matrimônios
carregados nessa bala de vidro

não importa
qual indício
ou qual o foco

não importa
qual o caco
qual forma última

porque
aquilo que vejo
é imagem

tua

renascimento

**“I, I was standing
You were there
Two worlds collided”
(Kick, INXS, 1987)**

parece até que foi ontem
íamos decifrando pelo observável dos lábios
o percurso que tomava a prece daquele homem
ele
não quíron
nem ártemis
ariel tampouco
ele que ia tateando pela fala
o vasto campo em que tivera as pernas
reivindicadas por um desastre
um campo minado antigo
repleto de minas antigas bem antigas
esse mundo bem antigo desde sempre
unindo num único signo
homem e cavalo

quartzo azul

pedaço aceso de carbono
meu coração
batendo em si
pedra de fogo marcando andamento
o passo de cada grão é meu passo
dunas de areias domadas
pelas nossas próprias mãos

aqueles que sabem
e sabem na prática
que reboco não se firma
em parede sem chapisco
sabem que um horizonte ele todo é possível
no ambiente interno de uma casa

uma vitrolinha velha
passando o dedo por cima das cicatrizes

você vai ver se a gente não vai deixar isso aqui
do jeitinho que pensamos
com aquele acabamento bonito sabe
grafiato
devagarinho a gente vai conseguindo as coisas né

a rugosidade constrói as próprias mãos

sabem que um horizonte ele todo é possível
em ambos os lados
da janela de uma casa

écfrase

será que dar forma a uma nuvem
por exemplo na infância e nem
somente na primeira
é o nosso contato primevo
com o princípio de funcionamento de um holograma
há quem diga um universo
ele todo ou em razão metonímica
mais ou menos por essa maneira
por exemplo
a pangeia quebrada
a invenção do quebra-cabeça

trilha de condensação

sonhei e depois do sonho
ouvi a minha voz
perto muito perto
de cantar pra muita gente
então olhei pra trás
vi somente o que podia ter sido
e aquilo
era tudo
eu te dei bom dia

bom dia

levantamos
pra mais um de nossos voos no mundo
um a mais apenas entre tantos
discretos no solo do firmamento

o que é o luto se não o amor que perdura

e de cada vez

que disserem que parti

parece que ainda ontem tava aqui né

com a gente

sei nem o que falar nessas horas

vai

e conta pra todo mundo

que é tudo uma farsa

porque

como um

segundo coração

eu sigo

vivo em você

eu continuo

mão repousada em seu ombro

aqui

no mesmo lado

que habito

uma nova esperança

a greve dos roteiristas

a grande depressão

a expansão ultramar

todas elas grandezas primevas

mas aí é que tá

chega uma hora que já não tem mais jeito

ainda que

daqui pra adiante

a gente até possa inserir

só a título de fim

mesmo que ofusque levemente o desespero

sim

mesmo que ofusque

de todo modo

o desespero

o silêncio

e a chuva

caindo sobre isso

é eu sei

o quê é que poderíamos dizer além

há que se ver se essas folhas caídas

contam-nos mesmo

alguma história

há que se averiguar quais as inteligências

que um dia saberão como ninguém

lamentar

ao longo da extinção de alguma vela

moonwalk

a destreza com que esses humanoides
caminham sobre a superfície do meu rosto
mas tem uma coisa
todos eles
andam ao contrário
como será que eles conseguem tanto
será que é pra tentar diminuir um pouco
uma das velocidades do mundo
a eficácia desses passos inaugura
a construção de uma ruína ou outra
que vez em quando eles varrem
aqui pra debaixo da minha pálpebra
milênio ou outro mais tarde
vai que alguma se torne um monumento
homens trabalhando diz a placa
ou será que é homo ludens
ou um personagem mais específico
que importa
tudo isso
não impede
que ali dentro
cerrados numa vista já cansada
ainda que poderosos
contemplem
desesperados um pouco
a obra
o colossal destroço do nome
palavra ofuscada
por mais uma cicatriz na face da lua

cromaqui

toda uma sorte de desgraças
dispostas ao nosso alcance
no potenciômetro do rádio
que importa que o narrador esteja em crise
olho pro lado a sua mão
a um palmo do meu gesto
e mais todo um tanto de viagem
ainda no horizonte

era como vestíssemos passos na chuva
sabe
ouvirmos a meteorologia do dia

era bom lugar o mundo
sabe
aqui dentro desse carro

o pianista

muito crítica a melodia quem
não percebe
o regente com as suas mãos mutiladas
os músicos com suas partes mutiladas
todos eles
dedicados
e num esforço máximo

água viva

não era uma história tampouco uma lenda
era algo à parte
algo próximo da força daquela voz
que fez um escultor dar vida à madeira
despedindo-se da lida com a figura
obcecado
pela totalidade
extensiva da vida
esquecida sinonímia
da inesgotabilidade da forma

era como se entalhasse barquinhos de madeira
com a madeira de barcos afundados
sem saber

que por cima de um naufrágio um mar é exílio

emersão
e ao longo do gesto
de levar as mãos ao rosto
era já a tua face
que me olhava das minhas palmas

ao corpo execrado de um marinheiro
a audiência chama de coral

uma silhueta tão transparente
que fica infinita e fica infinita
e fica infinita e fica infinita

é essa a vastidão
do quanto eu te busco

é esse
o tanto
que eu
te procuro

vênus

uma mamãe pra dor
uma mãe
pra tudo o que é tristeza
porque há chegado o dia
de coroar serpentes
um dia de rainha

nada mais justo depois desses anos todos
dessas ofensas descabidas
dessas condenações a esmo
ela apresenta em sua superfície
mutilações inúmeras
aparentemente
provocadas por golpes violentos
supõe-se
que após o surgimento do cristianismo
possa ter sido objeto da fúria
da multidão que tentou destruir
o ídolo pagão
quantos nomes atados
numa mesma ferida

uma rainha pro contrário do que seja
luz de sol
lamaštu

eu te perdoo pequenina e a você
pequenino eu perdoo todos vocês
os que empunharam pedras
os que empunharam fogo

mas quem é você

aquele que traz a luz verdadeira
uma estrela da manhã
um entalhe no fim da sua culpa
uma inscrição largada pelos cantos
um fragmento
esquecido
non serviam

vem cá
não fica se preocupando com essas coisas
o que vale
é o calor
de um abraço

perspectiva imaginada

mas por que tanta vontade
de estar num avião

é de bom grado a nós que caminhamos
de estímulo
algumas vezes
experimentarmos
a vista aérea do globo

ver somente o que existe
será que é isso mesmo
ser um bom visionário

creio que não
tampouco é possível
aferir correlação
entre o grau da clarividência e a escala
dessa vista que alcançamos do topo

quer janela ou corredor

tanto faz

te enxergar é minha casa e o mundo
o mundo é o que podem os olhos

nove e três quartos

o metrô lotado

um vão atrapalha a fila

queda solitária

rá

era um sol de pedra
e o reflexo no espelho d'água era o sol
ele mesmo
a premissa do teatro de sombras
a mão dela
justaposta
com a minha
como quiséssemos decalcar de algum modo
ou escrever vejam só
toda a medida junto dessa cena
ou imagem no caso de considerarem
isso um poema
ou ato
no caso de considerarem isso uma peça
como notações rabiscadas aos nossos lados
duas crianças
que lançavam ao lago um patinho de borracha
e se riam e se se riam
iluminavam por inteiro
um parque onde talvez nem estivessem
um parque que talvez nem existisse

dramaturgia enquanto ação naquilo
que ela pode de representativa

ria-se também a estrela que lhes tocava as fronteiras
será que era isso um deus
em descabida mostra de poder
ou revivendo um de seus maiores lamentos

como fosse o mundo um canto
onde as crianças que saíram ontem

estão lá fora brincando
sobre esse planeta esférico ainda
lançando pedras na água
sobre o rosto refletido de um astro

nossas mãos se seguram nossos olhos
tocam o que pode a vista
cantam a pedra que mergulha nela mesma
e caminham e caminham em mundo aberto
fascinados
o beijo de metrônomo o céu de declínio

sinédoque

se eu pudesse eu te fazia
filha de um pai infinito
tão mais vasto que o eterno
é uma pena
mas o corpo
não resiste
ao caminho

valhala

**“Para onde devemos ir,
nós que vagamos nessa terra devastada,
em busca do melhor de nós mesmos?”
(*Mad Max: Fury Road*, George Miller, 2015)**

para a Mariana, toda vez

no princípio era o labirinto
e o desastre
sempre plausível e sempre vasto
de quando um dia feliz
era que os próximos todos
infinitamente
passássemos pregando girassóis de plástico
numa terra seca
eram dias
de futuros esquecidos em que não raro
nos rumores das bocas de seres hostis
líamos em lábios calados que era o sol
quem nos morria nas solas e era esse tempo
é um tempo
em que perdêramos já
dentre as tombadas vontades
aquela de perguntar
será que se lembram
de quando fomos crianças
assim
como tivéssemos rasgado desde o cerne
assim
como tivéssemos podado de nós mesmos
assim
como se nunca
tivessem existido

as raízes
de todo o sítio em que estamos e era esse tempo
é um tempo
da crença em toda coisa que é fantástica
incabível e poderosa e póstuma
e aqui nesse parêntese eu explico
a coisa póstuma como um lugar
onde a vida
persiste
mas como eu ia dizendo naquele tempo
era um tempo
da crença em toda coisa que é fantástica
aos desígnios de uns deuses
ora de carne ora de esterco ora de cromo
uma época
era um tempo
em que estávamos já
na segunda troca de pele do abandono
era um tempo em que a volta das trincheiras
mas de novo isso das trincheiras claro pra que haja
sempre aquele que volta
mesmo que o preço seja a ineficácia
o saldo negativo
milagre inverso
a não vontade de contar a história
a roda em volta da fogueira
e emudecida tanto a chama
quanto a cinza

tá a gente continua aqui ouvindo
e explicamos porquê
é que certas somas
e adversativas nos mantêm atentos
há certas manobras de reanimação

que aplicam nisso das palavras
que algumas vezes nos despertam interesse
mas diz logo que é que houve
pra essa guinada e quanto
e de que ponto
e por quais modos
ou será que técnicas
se alterou a sua narrativa
diz pra gente da súbita
suspensão da descrença

então continuo
é que nem sempre
vez ou outra apenas
acontece de encontrarmos quem nos diga
de modo prático o alívio dos pesares
quem nos fale por exemplo olha aqui
uma questão pontual
de cada uma de nossas lidas
não é que evitamos dia a dia os vivos
é que dia a dia
nós repelimos os mortos que não são nossos
e isso nos enfraquece
na totalidade de nossos enredos
repara
nem sempre
vez ou outra apenas
é que chega alguém e parece
que a gente já pode se apresentar dizendo
estende a tua mão esquerda
contra a minha carótida
e enquanto pouso a minha na tua
que teu pulso sinta contra mim
as velocidades que podem os mundos

pois desde aí já sabíamos
ainda que apenas um pro outro
e numa voz lenta
que nem sempre aquilo a que chamamos
gente
rói as gentes de dentro pra fora
caso esteja um pouco confuso pra vocês
explico doutra maneira
mas sem muito caso com cronologia
é que na nossa primeira conversa
ela me trouxe de volta
o gosto do estranhamento
passar pelas periferias dos caminhos
há muito e muito já idos
e ainda vislumbrar encanto
espanto indignação e é claro todas as variações
das lacerações que nos permite a esperança
na vida alocada nos palácios
de um ou dois cômodos pequenos
nas paredes chapiscadas
esse braile aguardando reboco
voltar a saber pelas mãos
que muito além de nos cindir um abismo
por vezes nos costura
sabem
é que bem no meio
dessa primeira conversa
uma pessoa contemplou abrigo
talvez por isso essas derivações
da palavra encontro

vai diz pra gente um pouco mais daquilo das velocidades
daquilo das carótidas
e desde quando

desde a primeira espera
desde ainda
e depois é claro
mas foi quando ela dispôs sobre a mesa um beijo
sem mácula
lento e inaugural
que pensei
eu gostaria que meu coração
acontecasse nesse mundo agora
de uma forma muito mais demorada
eu gostava que tal coração fosse assim
como uma espécie de nervo
livre e exposto a céu aberto
cessando todos os invólucros de fôlego
falando pro povo desses revestimentos e que força
força mesmo é voltar
de cada ponto mórfico
com mais do que nós somos entre os lábios
e aqui nesse parêntese eu explico
mórficos enquanto outro daqueles lugares
onde vida persiste
um lugar tão específico que destoa
a gente chega quase esquece
daquele papo das mãos da miséria
de metacarpos e mindinhos que se tocavam envergonhados
olha é até bem provável
que assim evitemos que se encham os dedos
de vazios displicentes e que a morte
de nós
sim de nós
cresça
entre eles absolutamente
explico esse trecho assim

nesse parêntese
tanto ela quanto eu
somos das gentes da escrita
e gostamos muito agora de andar
com as mãos entrelaçadas
vejam
se até aqui tudo soa um pouco confuso
não só pra vocês
explico ainda doutras maneiras mas sem muito apego
àquilo que é tangível
ela gosta muito de cantar acappella
do meu lado e tem ainda
um pequeno piano que ela toca
no ar de improvisado
e olha eu preciso dizer
é formidável
como se de cada vez
que uma dessas teclas encontrasse o destino
coisas primordiais e tectônicas
coisas cósmicas
deflagrassem reinício
pra cada uma
das mais antigas cantigas da gravidade
e a existência ela mesma topasse consigo dizendo
eu ainda não desisto
e o mar então se agarrasse com força
muita força mas também sentido
na crina do mundo
e as carnes das árvores se abotoassem devagar
pelas minhas cartilagens
e os pés se soubessem uns aos outros
por baixo das terras
tomando conhecimento de que são eles
as linhas de frente de cada

desses nossos equilíbrios
já muito mais quando se tocam mutuamente
e os mármore dos desertos
comovessem juntos
de volta os astros nesse nosso chão repleto
de coágulos de areia
já não mais as eras
deitando as floras as montanhas e intempéries
em osso puro
nessa altura já as polpas os músculos
o próprio tempo dos verbos
comungavam
uma volta aos seus tesouros

mas tudo isso já não é muito devaneio
será que o fio narrativo assim desse modo
não se torna enfraquecido

de maneira nenhuma e
percebam que continuo contando
um dos bons jeitos de lidar com isso
com as coisas fantásticas demais
infaláveis demais
tão mas tão inefáveis que nos abandonam
tão logo nossos olhos as encontram
eu já digo pra vocês
noutro parêntese
que só mesmo as palavras pra mantê-las
as palavras
cobrindo tudo com distração inequívoca
como um pólen que se cola
nos entornos e cantos de felicidade
a palavra
agora já não mais cremendo minha voz

nem os suadouros e nem as febres
cremando a silhueta do que é noite
já não mais as notas graves
soando incessantemente
entre o travesseiro
e a parte de trás da minha cabeça
já não mais a meia vida
sabem
é que a chegada dela afastou de uma vez
aquelas dificuldades do sono
é como se a lua
voltasse a pousar
sem queimar e surdamente
ardesse um manto pleno
entrada atmosférica
sobre o espelho das águas desse quarto

a gente tá aqui ainda e seguimos
ouvindo e te explicamos
o porquê
é que isso tudo dos sonhos
nos deixou contentes

bem agora eu tinha aqui
pronta pra contar
essa outra imagem
ela e eu com um brinquedo de corda
no corredor de um quintal
in loco um outro ensinamento que ela trouxe
demonstrando que
em quase todo monumento
o que o movimento faz
o movimento deixado pelo desbaste
o movimento que converte em escultura

poderia dizer mais um parêntese
é tornar a pedra
a matéria em conversão
atenta
ao musgo por exemplo e seu esforço tremendo
enquanto segura as paredes de uma casa
olha bem aqui eu tenho
a dádiva do bichinho de corda
atravessando o corredor e nosso cosmo
vocês sabem né
quanto mais atenta tanto
mais eterna a paisagem

mas e depois
depois da existência das estradas
mais pro fim
quando tivesse já contado tudo
o que levaria
pras rodas em torno da história

talvez eu contasse o primeiro filme que nós vimos
mas nada de sinopse ou enredo
contaria da primeira despedida
do primeiro dia seguinte
e que só depois pensei
o que eu devia ter dito
antes que fôssemos embora brevemente
vem cá se esconde
aqui comigo
debaixo desse teto pequeno
quando todos saírem
ou quando ninguém
mais estiver olhando

debaixo ou não dos olhares dos outros
a gente conjura junto e baixo
baixíssimo
casa
testemunhem
é o nada é
o nada
flutuando acima da presença dela
ela própria
casa
as nossas quatro mãos na possibilidade
de amparar uma estrela
as nossas quatro mãos a postos
e fosse isso um copo ou uma estrofe
essa taça possível
essas mãos específicas
um copo
onde erguemos um ao outro
pra apanhar o livro último
o livro mais alto da nossa estante
nesse parêntese explico esse trecho
sobre casa e sobre nada
assim
tanto ela quanto eu
somos das gentes da escrita
e gostamos muito agora de andar
com as mãos entrelaçadas
vejam
se até aqui tudo soa um pouco confuso
não só pra vocês
explico ainda doutras maneiras e com apego
ao que é subjetivo

então nesse momento questionamos

será que pode nos dizer um pouco mais
dessas coisas que falaram quando sozinhos

no princípio uma pergunta
onde você esconderia
o último apocalipse
que passássemos juntos
ao que os dois responderíamos
bem no fundo do nosso coração
e falaríamos sobre o caminho
sobre pisar essa brita
como fôssemos novíssimos nômades
é que a gente se encontra muito nesses lugares
dos embarques e desembarques nesses lugares
de gente se despedindo
e por vezes essas gentes
se despedem de forma pormenorizada
de partes importantes das suas próprias carnes
e isso só corrobora
o quanto é intimista um encontro
na frente dessa estação de trens lotada
com todo o mundo
e por isso ninguém mesmo
ninguém vendo do nosso lado
uma pessoa estirada no chão
e que ficou ali
entrincheirada na fantasia
enquanto nós dançávamos a despedida
é que quando a gente dança na nossa dança
canta um mundo
e se anulam as possíveis bocas urdindo
o falso encanto da comoção
quando a gente dança
pelo menos ali

entrincheirados na fantasia
eu acho que alguém contempla
a possibilidade do abrigo
eu acho que a gente anula
a plausibilidade
de estarmos outra vez do lado errado
de uma despedida
quando sozinhos falamos
tanto ela quanto eu
talvez até sem sabermos
a história que queremos uma história nova
incendiando grafitas e papiros antigos
é o tomo e é um tempo
o tempo rasgando o vazio dos nomes
toma de exemplo a palavra
uma palavra digamos
amor
firme e feroz recém inaugurada
salva agora e pelas próximas vindas
no teu olho
me correndo
pelas portas adentro tão adentro
assim como a minha voz
essa minha voz aqui disposta
mastigada na tua boca
e têm aqui uma amostra
do que falamos
um pro outro
quando sozinhos

a gente vai continuar voltando aqui
e ouvindo e perguntando
nem há necessidade alguma mais
de explicações nem de porquês

é de bom grado que apreciamos
a bonita e violenta reescrita
testemunhem
essa velocidade tão recente
do amor em ressurreição
uma época
um tempo
é o tempo nos contando uma história
uma história que espera sempre no início
dizendo que valhala
agora
em tradução libertada
valhala agora significa
testemunhem
renascia

mnemophrenia

se a vida que vejo agora
agora que fecho os olhos
passando diante aqui
a um palmo do meu rosto
houve mesmo ou se eu apenas
se eu apenas inventei

como um filme
que emulasse a beleza de tanto

sindicato dos metalúrgicos

“Andrei Rublev: Você trouxe tanta alegria e está chorando?”

Boriska: ...”

quantas vezes dobra o sino
pra que uma memória
se desloque em paisagem

silêncio

um postal foi exumado

2-Criação literária (deslocada dos grandes centros): experiência, memória e intertexto em poesia brasileira contemporânea

Talvez o jovem fã de heavy metal, fanático e cabeça dura, de meados dos anos noventa sintasse um pouco envergonhado, mas é preciso iniciar este texto dizendo que o Ricardo, agora de quase quarenta anos, pós pandemia da covid-19 e outras atrocidades, agora com muito maior percepção, obviamente, de tudo e do todo, não sente receio algum em admitir, para si e para o outro, que muito provavelmente seu primeiro contato, como leitor e, creio, já um pouco como escritor – em algum lugar devo ter ainda os rabiscos das primeiras letras de música, na época consideradas servirem apenas ao heavy metal, que na visão apequenada de então considerava o único estilo possível –, com a poesia deu-se através da Legião Urbana. E também, com as aspirações fascistas que os metaleiros brasileiros demonstraram tão acentuadamente nestes últimos anos, talvez o jovem lá de meados dos anos noventa nem se importasse, enfim, com a revelação desse nosso segredo. Outra constatação importante, essa para o Ricardo dos quase quarenta e para o jovem, é que, no princípio, era o verbo, no princípio o contato com a poesia foi para suprir uma necessidade – então vivenciada apenas como vontade – de narrar, de contar uma história, alguma história, ou melhor, histórias. Ora, a poesia realmente desde os primórdios conta histórias. É bem provável, mantendo esses comentários que colocam em paralelo o jovem de meados dos anos noventa e o Ricardo de quase quarenta, que nos deparemos com a percepção de que a poesia enquanto possibilidade de contar coisas já estivesse em maturação no jovem metalúrgico do Parque Capuava, bairro de Santo André, no Grande ABC paulista. Nesse caso, o do jovem metalúrgico, vamos já em fim dos anos noventa para meados dos anos dois mil – permaneci na profissão até o ano de dois mil e seis. Era a poesia, já então, se apresentando uma via para contar coisas, ou melhor, como uma possibilidade de tentar contar coisas. E não qualquer coisa, um tipo muito específico de história, daquelas que não sabemos de que se tratam e, a despeito disso, as “narramos”. Hoje penso que escrevo poemas, muito mais que para dizer alguma coisa, porque ou quando não sei como dizer essas coisas. E talvez aqui esteja já entregue, se não o todo, a maior parcela do meu processo criativo, apesar de no mais das vezes preferir que não haja um “processo”, nesse sentido burocrático da palavra, que por vezes acomete a escrita criativa e as falas sobre ela.

Tenho gostado bastante desse pensamento, de que escrevemos, pelo menos alguns de nós, poesia não para dizer algo, mas porque não sabemos como dizê-lo. É uma maneira

de fazer com que os efeitos nos entornos me contem isso que não sei dizer, enquanto contam – o mesmo ou não, da mesma maneira ou não – também para o Outro. O Outro, essa matéria que forma nosso entorno. Tenho gostado de pensar, também, que aqui, nas áreas deslocadas dos grandes centros – geograficamente ou não –, nas periferias, escrevemos poesia, ou falamos, inicialmente, e assim o foi comigo, porque não sabemos como dizer, em um sentido que não possui a romantização do pensamento anterior, da busca pelo inefável ou algo do tipo, mas sim porque aqui, desse lado da ponte, os meios para dizermos nos foram, e são ainda, desde sempre negados, precarizados, coagidos, etc. As ferramentas de expressão, narração, simbolização, ora nos são negadas, ora nos são corrompidas, ora nos são manipuladas. Por vezes, aqui, tomamos a poesia como uma maneira de reconquistar esses meios.

Nós somos seres do relato, creio. O ato mnemônico fundamental é o comportamento narrativo. E mobilizamos determinadas ferramentas para mediar e/ou facilitar esse comportamento. A poesia é um gênero, uma área do nosso saber, o “fazer” ele todo quanto ao que é poético. Uma ferramenta. Um poema é o construto, fruto de um ato subjetivo de intelectualidade. Um poema é um gesto do conhecimento, é trabalho humano, fruto de experiência. O poema, talvez mais que outros construtos, como a foto, por exemplo, é uma das maneiras mais bonitas, elegantes, altruístas, honestas de portar-se diante da dor do Outro. Isso se dá, entre outras coisas, pelo compromisso – cognitivo, afetivo e moral – do sujeito lírico, que, para além de tomar para si tais dores em seu (con)formar-se, ao existir somente no e pelo poema, torna a imagem fluida, ativa, vivente, e não a deixa apenas estática. Um sujeito lírico não registra a dor, ele padece dela, a despeito de que seja originalmente e empiricamente sua. E nós, os deslocados dos grandes centros, queiramos ou não, somos constantemente colocados em situações em que há necessidade de portarmo-nos diante da dor do outro.

Estive por esses dias pensando essas maneiras de relatar, pensando a experiência, pensando a palavra mobilizada para tanto. Estive pensando a palavra “construção” – enquanto criação, mas não só. Pensei a palavra “casa”. Indivíduos pertencentes às classes mais abastadas, ao dizerem, por exemplo, “construí minha própria casa do zero” estão muito provavelmente dizendo algo bem diferente daquilo dito por indivíduos de classes menos abastadas ao proferirem, exatamente, as mesmas palavras. Aqueles, os abastados, talvez jamais perceberam ou perceberão, pelo próprio braço o peso de uma lata de concreto, o peso do trajeto dessa lata até a laje, o desequilíbrio entre a ponta de uma talhadeira e sua área de impacto, etc. E registrar aqui essas diferenças nem é uma crítica,

ou ao menos não possui essa intenção. O intuito era tão somente constatar, porque, creio, com relação à poesia, dá-se o mesmo.

Porém, parece que estou já me adiantando, ou indo por assuntos que talvez nem seja minha intenção discutir dentro desse trabalho. Me interessa dizer, contar, que houve um percurso, e que esse percurso passou por uma espécie de “empolgação” com as possibilidades de utilização das teorias, desde o primeiro momento em que iniciei as pesquisas para esse trabalho, os “caminhos propositivos”, pensados já como resquício de saberes adquiridos, para alguns tardiamente, do meio acadêmico, ou como resquícios de saberes que chegaram após o ingresso aqui na pós graduação, até estabelecer que minha preferência é, indubitavelmente, pensar a poesia como algo mais “chão”, aliás, chão de fábrica mesmo é como tenho gostado de pensar a minha poesia. Sem muito segredo, poesia é trabalho. Gostaria, então, de contar um pouco desse percurso, um pouco da memória, da experiência, do intertexto.

Chego ao curso de Letras na FFLCH em 2007, para o bacharelado, com 23 anos, e provavelmente tenha me sentido e considerado periférico, com consciência desse sentimento – o que de modo algum significou, ou significa hoje mesmo, compreender o que é “periférico”, talvez hoje o que consigamos é pensar o “periférico em relação a o que” – pela primeira vez. Isso devido ao imenso sentimento de desconforto, o deslocamento, que tal ambiente me proporcionou então e proporciona até hoje – pensando “ambiente” em um sentido amplo, para além do espaço físico. Além de uma espécie de sensação de defasagem, relacionada a conteúdo, que tudo e todos nesse ambiente, ora ostensivamente, ora de maneira amena, sempre com alguma intencionalidade, ao que me pareceu, ressaltavam constantemente. Chego nesse local formado na escola pública e no SENAI – em ambos me formei mais ou menos na virada dos anos noventa para os anos dois mil – e como metalúrgico, “operador de máquina de eletroerosão” dizia minha carteira de trabalho, após alguns anos como “alimentador de linha de produção”. O deslocamento era visível, mesmo.

Gosto de contar essa “chegada” para fazer um paralelo com o meu momento atual na Letras, aqui na FFLCH, na pós graduação. Permanece uma espécie de nervosismo sempre que é necessário participar, presencialmente ou não, do ambiente acadêmico, talvez mais pela frequência baixa com que faço isso, mas o desconforto original já não comparece – claro, isso pode estar relacionado com a pessoas com as quais hoje convivo nesse ambiente, como meu orientador e as professoras e professores que participaram mais proximamente do desenvolvimento desse trabalho. Porém, o sentimento de ser

“periférico”, mesmo sem ainda compreender o que seja o “periférico”, permanece. No entanto, agora percebo que havia, sim, uma espécie de defasagem de conhecimentos, mas que eu trazia conhecimentos outros, e percebo, ainda, que tão importantes quanto àqueles em defasagem, especialmente para a formação da minha engenharia poética. E acho cabal que nos preocupemos com a engenharia poética, sabendo, por um lado, que um poema não deve se reduzir a isso, e por outro lado que, enquanto instrumental, essa engenharia poética é imprescindível ao fazer poético. Abro aqui um parêntese para agradecer ao meu orientador e aos professores Moacir Amâncio e Daniel Candeias, por contribuírem, muito, para a minha percepção de que tais conhecimentos prévios tinham e têm importância tamanha a ponto de merecerem espaço aqui neste trabalho. A percepção, por exemplo, de que uma sequência simples, diagramamos de “jab – direto”, golpe fraco – golpe forte, do Muay Thai – arte marcial tailandesa que pratiquei desde a adolescência até ao início do período de restrições imposto pela pandemia da covid-19 – era já uma maneira que eu encontrava para pesquisar os pés silábicos. Inclusive o movimento mesmo de pés característico do boxe, e presente também no boxe tailandês, me ensinava já sobre pés silábicos, sobre andamento. A máquina de solda que operei alguns anos em uma metalúrgica me ensinava, entre outras coisas, a cesura. O movimento de pendurar amortecedores de automóveis nos ganchos suspensos da linha de produção me ensinava, muito e pragmaticamente, também sobre enjambement. A compensação de peso entre a ponta de uma talhadeira e sua área de impacto, mais o movimento de uso dessa ferramenta, me mostrava segredos da melodia, ritmo e harmonia – assim como aqueles ensinados a mim nas poucas aulas de música que frequentei quando aprendia violão. Mesmo os “erros”, como o movimento de quadril que “sobrava” ao desferir uma sequência ensinada corretamente no Muay Thai, a rebarba que insistia em ficar após o ciclo de solda completar-se, os ganchos perdidos vez ou outras e partindo vazios entre os preenchidos por amortecedores na linha de produção, os impactos fora da área correta da talhadeira, por vezes direto nas mãos, nos dedos, me davam um completo tutorial, para usar um termo em voga nas mídias sociais de hoje, sobre forma e, talvez o mais importante, sobre o “pedacinho que destoa”, dentro da forma, e sua importância. Sobre o quanto essa importância é parecida com a importância da dicção, que por vezes pode ser esse “pedacinho que destoa”, a insubmissão da dicção e, portanto, sua extrema relevância, creio, para a minha engenharia poética, por ser aquela que direciona, sempre, e prevalece sobre a forma.

Aqui me permito cortar para um assunto mais popular, talvez. O futebol. Há no meio futebolístico brasileiro um livro recente, narrado em primeira pessoa por uma equipe técnica – e já aqui não consigo deixar de pensar no belo sujeito lírico que essa “sinopse” nos entrega. “Cabeça fria, coração quente” é o título do livro publicado pelo treinador de futebol Abel Ferreira e sua comissão técnica em 2022, mas é, também, o lema dessa comissão e da equipe treinada – que, no momento da redação desse trabalho, é a Sociedade Esportiva Palmeiras. “Cabeça fria, coração quente” tem muito a dizer, ou ao menos teve e tem para mim, sobre a escrita literária, especificamente a de poesia, e o próprio rumo que tomou esse trabalho. Aliás, a mudança de rumo desse trabalho. Vale dizer que o futebol tem muito ensinar, ao menos para mim, repito, sobre a ofício com os versos, assim como outros esportes, notadamente o Muay Thai, como já mencionei. Sobre a frase já eternizada pelo treinador, ela me diz sobre o quanto é difícil dar forma literária a uma emoção – e por mais que alguém possa não querer que assim o seja, a poesia é, a priori, a arte do Eu e, portanto, das emoções – quando estamos absortos em sua ocorrência, de alguma maneira tomados demais pelo páthos, sem alguma “distância” dela. Por isso a importância do “rascunho”, e os poetas podem se orgulhar de colecionar tantas vezes mais rascunhos, em proporção muito maior mesmo, do que poemas finais. Na lida com a matéria poética que a emoção pode ser, a “cabeça fria” tem que ser uma com o “coração quente”. Um rascunho, que captura o momento e guarda a temperatura que então vai no coração. A visita posterior a esse momento rascunhado – “posterior” compreendendo o período que seja necessário, um dia, uma semana, um ano, meia vida, etc – com a “cabeça fria” para, então, trabalhar adequadamente, com a distância necessária, a forma que gostaríamos de conferir àquela manifestação do coração. Ora, com as escolhas de rumos para esse trabalho deu-se o mesmo, e que bom ter aguardado e revisitado algumas coisas com a cabeça fria, que bom que estivessem rascunhadas essas coisas, assegurando que aguardasse ali, ainda, a temperatura que ia no coração quando de cada uma delas me aproximei. Antes de continuar, acho que vale lembrar, a todo momento, que, seja lá a elucubração que possamos elaborar, a Poesia é sempre, sempre, primeva perante essas definições.

Primeiros caminhos

Inicialmente, o objetivo do trabalho era ambicioso demais – tinha muito do “coração quente” – queria dar conta de tudo, talvez até atrapalhando a existência

pragmática de um objetivo. No decorrer do curso, claro, a realidade se apresentou, bem como a praticidade necessária, e a “cabeça fria” precisou prevalecer e “abdicar” da maior parte daquele objetivo – ou objetivos, no plural. De todo modo, como trata-se de um trabalho de criatividade, creio que nenhum desses “objetivos” tenha ficado totalmente de fora, mantendo-se como “caminhos propositivos latentes”, por isso separamo um espaço para comentá-los brevemente aqui, tentando emular um pouco do “caos” que o “coração quente” provocava.

O mal-estar para a experiência do sujeito contemporâneo é diferente daquele experimentado pelo sujeito moderno. Este está mais próximo da experimentação do “sofrimento” e mais ligado ao “tempo”. Aquele está mais próximo da experimentação da “dor” e mais ligado ao “espaço”. Além disso, esse sujeito contemporâneo apresenta uma espécie de “defeito” na capacidade de simbolização. Em “O sujeito na contemporaneidade” (2020), Joel Birman diz: “[...] se o sujeito atado na dolorida posição solipsista não pode fazer qualquer apelo ao outro, é o *desalento* que se impõe como *phatos*, destinando-o então à paralisia. Em contrapartida, o *desamparo*, como correlato que é da experiência do sofrimento, possibilitaria ao sujeito um movimento desejante, que seria a condição primordial para a simbolização e a temporalidade [...]”. Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, a violência simbólica é uma violência não visível adotada por meios genuinamente simbólicos de comunicação e conhecimento, que se constitui no estabelecimento de uma relação de subjugação/submissão, resultante de uma realidade de dominação da qual o dominado é “cúmplice”, dado o estado “natural” em que tal realidade é apresentada e representada. Por vezes, violências simbólicas são adotadas em uma espécie de “simbiose” com violências históricas. Eve Kosofsky Sedgwick, em “Between Men - English Literature and Male Homosocial Desire” (1985) diz: “[...] Manter uma dominação tão desproporcionada requer, no entanto, que as demonstrações de poder sejam imprevisíveis e em uma relação instável com o 'crime' que está sendo ostensivamente regulado. (Por exemplo, embora o estupro fosse o pretexto para os linchamentos dos negros no sul dos Estados Unidos, menos de um terço dos homens linchados eram sequer acusados de estupro. E este vazio entre a racionalização de atos terroristas e a sua execução real não era um obstáculo para, mas sim uma parte importante da, sua eficácia como terrorismo.) [...]”. Em “Comunidades imaginadas” (2008), de Benedict Anderson, é dito que a nação foi construída a partir de indivíduos que possuíam uma identidade comum, que partilhavam experiências comuns e que se reconheciam a partir de narrativas fundadoras. Aqui cabe lembrar que, quando da

formulação dos discursos das identidades das nações europeias (o modelo do estado nacional moderno), foram construídos paradigmas identitários que orientariam a formação dos indivíduos como súditos, primeiramente, e como cidadãos, posteriormente. Por extensão, tais paradigmas também iriam definir quais indivíduos deveriam ser excluídos dos discursos identitários nacionais. O estado nacional, do qual a fórmula mais estabelecida se constitui ao longo do século XIX e se espraia por todo o século XX, como estrutura política requerida e adotada por populações com histórias tão diversas quanto, por vezes, divergentes, carrega em sua estruturação um processo de intervenção direta e imediata nas estruturas familiares tradicionais. Como consequência dessa intervenção há a instituição de uma “ordem de gênero” que se baseia numa perspectiva ocidental e burguesa. Sophia de Mello Breyner Andresen, em texto lido no I Congresso de Escritores Portugueses, diz “[...] Porque propõe ao homem a verdade e a inteireza do seu estar na terra toda a poesia é revolucionária. Por isso a forma mais eficaz que o poeta tem de ajudar uma revolução é ser fiel à sua poesia. Escrever má poesia dizendo que se está a escrever para o povo, é apenas uma nova forma de explorar o povo. Quem está realmente empenhado num país melhor e numa sociedade melhor, luta pela verdade da cultura. Aquele que é conivente da mediocridade é inimigo de uma sociedade melhor, mesmo que apregoe grandes princípios revolucionários. A revolução da qualidade é radicalmente necessária a uma revolução real. [...]”. Em “A referência desdobrada: o sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia”, Dominique Combe diz: “[...] Vale dizer então que o sujeito lírico, levado pelo dinamismo da ficcionalização, não está jamais acabado, e mesmo que ele *não é*. Longe de exprimir-se como um sujeito já constituído que o poema representaria ou exprimiria, o sujeito lírico está em permanente constituição, em uma gênese constantemente renovada pelo poema, fora do qual ele não existe. O sujeito lírico se cria no e pelo poema [...]”. O sujeito lírico não está jamais terminado – assim como as identidades? Falar sobre criatividade, especificamente em poesia, poderá ser falar, também, sobre noções de “sujeitos líricos” e talvez até sobre identidades.

Fim de século [?]: entre os grandes centros e as periferias

Ainda na esteira desses “primeiros caminhos”, opto por contar essa parte em separado, por considerar que minha já mencionada adolescência de meados anos noventa compreenda um período cabal para a formação final de nossa literatura nacional, portanto, concomitante com a minha própria formação. Além de considerar que esse “caminho

propositivo”, apesar de colocado junto ao rol daqueles mencionados na seção anterior, os que ficaram apenas como “latentes” na produção final, creio ser uma parte importante do percurso. A observação com a qual Schwarz inicia o texto “Fim de século” – “No começo da década de 60 um crítico observava que no Brasil se faziam filmes que, embora tendo público numeroso e entusiasta, não eram considerados propriamente cinema pelos seus produtores e espectadores [...]” (Schwarz, 1999) – facilmente, por nós, atualizando-a para a contemporaneidade brasileira, é transportada para a literatura – e, por que não dizer, para a arte em geral – nacional, que talvez não tenha público tão numeroso quanto o referido do cinema de início da década de 60, mas provavelmente também tão entusiasta quanto. Não raro podemos observar, mais especificamente nós da área da edição e que ocupamos uma posição mais periférica, alguns, não poucos, de nossos pares formularem afirmações do tipo “essa poesia feita aqui não é poesia de verdade, poesia mesmo é a feita” e depois dessa última palavra pode-se incluir uma variedade não tão restrita de países/localidades muito mais avançados que o Brasil no fazer literário, de acordo com os proponentes de tal afirmação. No mesmo passo, algo similar a esse “transporte” de termos pode ser observado com o título do texto de Cândido, “Literatura e subdesenvolvimento”, ao observarmos que na contemporaneidade brasileira a palavra “literatura” nesse título pode, ainda, ser substituída por uma variedade de termos não tão curta quanto gostaríamos. Veja-se que o fim de século ao qual se refere o título do texto de Schwarz está ultrapassado já em duas décadas e ainda temos pertinência para observações feitas a partir de um texto chamado “Uma situação colonial” – nome do texto do crítico citado por Schwarz, a saber, Paulo Emilio Salles Gomes, publicado em 1981 na “Arte em revista” nº 1.

Em “Literatura e subdesenvolvimento”, Cândido discute caminhos da literatura latino-americana e identifica as fases da consciência de atraso da América Latina, em específico no Brasil, relacionando-as com as literaturas em curso em cada momento e propondo uma compreensão a partir da análise que toma em conjunto o subdesenvolvimento e a criação literária. São identificados, então, dois momentos. Primeiro, a fase de “consciência amena de atraso”, predominante até meados da década de 1930, após a qual começa a mudar gradativamente, e correspondente à ideia de “país novo”, perspectiva da qual salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada, mas com sentimentos de grandes possibilidades para o progresso vindouro. Em seguida, a fase da “consciência catastrófica de atraso”, posterior à Segunda Guerra Mundial, que passa a se manifestar mais claramente a partir de meados da década de 1950,

e correspondente à ideia de “país subdesenvolvido”, perspectiva da qual, por sua vez, salienta-se a então, e talvez atual, pobreza e atrofia social, destaca-se aquilo que falta, e não mais aquilo que sobra. Cada qual dessas fases – contemporâneas, parece interessante registrar, da crise, ou empobrecimento, da experiência tal qual observada por Benjamin (1994) – propiciará diferenças na criação literária correspondente. Na fase de “consciência amena de atraso predominará o deslumbramento provocado pela descoberta da América, que seria vista como um lugar privilegiado, com projeções utópicas de conquista e colonização, inaugurando um interesse pelo exótico, um respeito pelo grandioso e esperança quanto às possibilidades de ser a pátria da liberdade – e do livro – , em razão das contradições do estatuto colonial, que levariam as camadas dominantes à separação política em relação às metrópoles no período colonial, ao menos pensando-se no Brasil. Na fase de “consciência catastrófica de atraso”, a ciência do subdesenvolvimento evidencia “a realidade dos solos pobres, das técnicas arcaicas, da miséria pasmosa das populações, da incultura paralisante”. Desmorona a ilusão compensadora daquela primeira fase. Soma-se a isso outras problemáticas, apontadas por Cândido: o analfabetismo e a debilidade cultural, a maior parte dos países da América Latina possuem grandes massas fora do alcance da literatura dita erudita e, quando alfabetizadas e absorvidas pelos processos de urbanização passarão diretamente para o domínio de outras mídias – rádio, televisão, etc – constituindo a base de uma cultura dita de massa, a interferência, nos países subdesenvolvidos, do que se poderia chamar know-how cultural e de materiais já elaborados pela cultura massificada e/ou industrializada, o problema da dependência cultural, a penúria cultural que fazia os escritores se voltarem necessariamente para os padrões metropolitanos e europeus em geral – na medida em que não havia público local suficiente, escreviam como se na Europa estivesse seu público ideal – enfim, todas essas diversas questões que podem ser provenientes da incultura e dos esforços para superá-la. Voltamos, então, ao “Fim de século”, de Schwarz, que continua Cândido e chama a atenção para o surgimento de um imaginário social novo e que apontava para uma totalidade na noção de “nação” e contemporâneo do ciclo desenvolvimentista, nascido de uma conjunção de mercado interno e industrialização, que adquiriria certo alento de epopeia patriótica a partir da construção de Brasília. Segundo Schwarz, esse nacionalismo só alcançaria seus objetivos se fosse impulsionado pelo acirramento da luta de classes, radicalização social que se iniciava e seria cortada em 64 pelo golpe militar. Diz o autor: “Noutras palavras, surgia a consciência de que a exploração de classe interna e as grandes desigualdades na ordem internacional se

alimentavam reciprocamente e que era necessário enxergar as duas em conjunto. Pouco tempo depois Glauber Rocha formularia a sua estética da fome, na qual reivindicaria a feiura e miséria do Terceiro Mundo, mas para lança-las à cara dos cinéfilos europeus, *como parte do mundo deles*, ou melhor, *como um momento significativo do mundo contemporâneo*, e não mais como um exotismo próprio a regiões distantes ou a sociedades atrasadas. Por aqueles mesmos anos foi elaborada a Teoria da Dependência [...]. Após o golpe militar, choque do petróleo, crise da dívida, o ciclo desenvolvimentista chegava ao fim e nos anos 80 ficava claro que o nacionalismo desenvolvimentista tornara-se ideia vazia. Para Schwarz começava – e terá acabado? – o nosso fim de século, com o nacional-desenvolvimentismo entrando em desagregação e dando início ao período contemporâneo. Ainda segundo o autor, a desintegração do projeto desenvolvimentista deixou por terra um conjunto de ilusões. Tal falência – que talvez seja possível aproximar da ideia de dilaceração do mundo colonizado, que retomarei mais adiante – de um ideário que havia revolvido a sociedade de alto a baixo, abre um período específico, cuja dinâmica, para Schwarz, é a “desagregação”. Talvez seja essa a fase sucessora a da “consciência catastrófica do atraso”, apontada por Cândido, e ele próprio já mencionara no “Literatura e subdesenvolvimento”, a consciência dilacerada do subdesenvolvimento – e guardamos, mais uma vez, o termo “dilaceramento”. Retorno ao texto de Cândido (2017), quando o autor diz: “[...] As nossas literaturas latino-americanas, como também as da América do Norte, são basicamente galhos das metropolitanas [...] Encaremos portanto serenamente o nosso vínculo placentário com as literaturas europeias, pois ele não é uma opção, mas um fato quase natural [...]”, o que, junto ao que temos discutido até aqui, embasa aquela afirmação inicial do texto “Fim de século”.

“O capitalismo continua empilhando vitórias”, afirma Schwarz ao final de “Fim de século”. Retomo Cândido, no já citado “Literatura e subdesenvolvimento”, quando ao falar sobre obras latino-americanas de teor maduro e original, dirá: “[...] Não há imitação nem reprodução mecânica. Há participação nos recursos que se tornaram bem comum através do estado de dependência, contribuindo para fazer deste uma interdependência [...]” para encerrar invocando, ainda mais uma vez, Cândido. Na relação de duplo gume apontada pelo autor em “Literatura de dois gumes” (2017) – e aqui poderia dizer que falo não somente de literatura, apesar de estar pensando especificamente nela – a saber, a “imposição” proporcionada pelo sistema colonial, o primeiro gume, seguida da “adaptação”, segundo gume, o sistema capitalista parece ter encontrado uma saída, dentre as várias que tal sistema sempre encontra. O desenvolvimento da capacidade de cooptar

a “adaptação”, forjando uma arma branca de gume único em que aquele segundo gume, engolido pela dinâmica capitalista, torna-se “imposição” velada. Talvez seja difícil superarmos, aqui na periferia do mundo – como observa Cândido, somos um continente “sob intervenção”, e cabe à literatura vigilância extrema – a expressão “Literatura e subdesenvolvimento” enquanto não superarmos o capitalismo. Talvez, então, possamos falar em literatura ou subdesenvolvimento.

Memória, experiência, intertexto

Ao pensar um trabalho para uma disciplina ministrada pelo professor e poeta Horácio Costa foi que os três “caminhos propositivos” mais estabelecidos, ou menos impalpáveis para mim, se apresentaram, a saber, memória, experiência e intertexto, este último com um sentido muito mais amplo após uma fala do professor nos orientando a sermos menos “textocratas”, uma espécie de “mal” que nos acomete a nós pessoas das letras e que faz-nos perder todo um hemisfério que está para além do texto, uma fala que chamou a atenção para algo que pode parecer simples, mas que por vezes nós das letras relegamos, a importância de assumir uma variedade de olhares dentro dos estudos literários. Ser “textocrata” significa deixar de lado muita coisa, do sensível, do onírico, da vida das formas. Por exemplo, nas férias, para quem nela cresceu em meados dos anos noventa, a “sessão da tarde” tem participação importante na construção de referências do hemisfério visual, de repertório cultural disperso, de mundo onírico, etc. E menciono essa famosa faixa de filmes, “sessão da tarde”, porque faço aqui um parêntese para comentar brevemente o trabalho em questão, cujo tema foi um filme – e filmes são importantíssimos na minha escrita, poderia até repetir o que diz o criador de videogames Hideo Kojima, em “The creative gene” (2021), “70% do meu corpo é feito de filmes” – que, acredito, poderia muito bem ter sido exibido na faixa e é um percurso integrante da formação da minha engenharia poética. Arrisco mesmo questionar-me se não terá sido desse filme que apreendi praticamente ela toda, já que muito dessa produção cinematográfica, desde a estética à execução, sempre me soa muito como a maneira que me comporto ao escrever poemas, seja na maneira de tratamento do conteúdo, seja na utilização da dicção, em uma espécie de lip sync que a faz insubmissa, ou melhor, que tem a intenção de fazê-la insubmissa, seja na, e acho que o principal ponto seja esse, construção por estruturas de sobreposição.

Trata-se do filme “A última vez que vi Macau”, de 2012. Um filme luso-francês dirigido e idealizado por uma parceria entre os cineastas João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Matta, este nascido em Moçambique, aquele em Portugal. João Pedro Rodrigues também é conhecido por “O ornitólogo”, filme de 2016, no qual não divide a direção, mas repete a parceria com João Rui Guerra da Matta, e “Morrer como um homem”, de 2009, no qual já trabalhara com a atriz Cindy Scrash, que em “A última vez que vi Macau” interpreta a decisiva personagem “Candy”.

Constituída pela Península de Macau e por duas ilhas, Taipa e Coloane, interligadas pelo aterro de Cotai, Macau, que nunca visitei, foi considerada a última colônia europeia na Ásia. A ocupação portuguesa aconteceu em meados do século XVI e foi reconhecida pela China no fim do século XIX. Após negociações iniciadas anos antes, no fim do século XX, é oficialmente devolvida para a China, em 20 de dezembro de 1999. Macau é uma RAE, uma das Regiões Administrativas Especiais da China, e enquanto tal possui um alto nível de autonomia administrativa. E um deslocamento dos grandes centros.

No plot do filme, na “trama” do documentário ficcional (essa é a classificação que recebe o filme, “documentário ficcional”, na maior parte da mídia especializada onde há as escassas informações sobre os idealizadores, sobre o elenco e sobre o filme), Guerra da Matta – que é como se apresenta enquanto “personagem” o idealizador João Rui Guerra da Matta – recebe uma mensagem de uma amiga da qual não tinha notícias há muito tempo e que há muito partira para Macau, em um “exílio auto imposto”, dirá essa amiga em algum momento do filme. Na tal mensagem, ela relata ter se envolvido, não pela primeira vez, com os “homens errados”, afirmando que, dessa vez presente consequências mais graves, já que um amigo aparentemente envolvido no mesmo problema fora assassinado durante um jogo de paintball. Ela suspeita que será a próxima vítima e Guerra da Matta, atendendo ao chamado, decide retornar à Macau para ajudar a amiga, Candy. Após recorrentes desencontros, Candy é assassinada, sem que consigam se rever. Guerra da Matta encontra uma carta deixada por ela, que previra a própria morte, na qual revela em que se envolveu e indica onde ele encontrará explicações. Após visitar o local indicado na carta, a Gruta da Seita do Zodíaco, Guerra da Matta segue para o desfecho da trama, quando vinga o assassinato da amiga.

Penso com frequência, quando estou escrevendo poemas, na cena/sequência que abre o filme, em que Candy performa um Lip Sync – cena essa eu me faz dizer, para mim mesmo, sempre, que essa é uma “personagem decisiva”, enquanto instauradora de um

estranhamento decisivo. Retornarei ao lip sync mais adiante. Penso com frequência, também, na estrutura de sobreposição, que ocorre não só nas sequências de imagens do filme, mas nos próprios textos que a obra mobiliza, para além do roteiro. A sobreposição/incorporação da “vida real” é tão importante que ocorre, também, em alguns sites, na própria sinopse do enredo: em uma das mídias especializadas há predominância de descrição dessa “vida real”, já que não se fala da “trama ficcional”. Cito o plot oferecido por essa mídia: “Dois cineastas partem para Macau em uma aventura de descoberta de uma cidade-labirinto, multicultural e misteriosa, onde as memórias da infância dialogam com as memórias do Oriente construídas pelos códigos do cinema e da literatura”. Ao que me parece, todas as descrições estão corretas, pois trata-se esse filme de uma espécie de álbum pessoal, uma geografia e arquitetura, física e emocional, edificadas pelo estranhamento e, ao mesmo tempo, uma investigação e um filme de suspense/mistério.

-Memória/estranhamento

Por vezes nos flagramos em um certo tipo de situação que tentarei descrever brevemente. Não sei se “situação” é o melhor termo para o que tentarei descrever, mas acho válido esclarecer que coloco dessa maneira, “nos flagramos” e “por vezes”, para explicitar que não considero o acontecimento que será descrito restrito ao individual nem raro. Eis a situação: uma pessoa, que pode ou não nos ser próxima, que pode ou não nos ser distante, seja afetivamente, espacialmente ou temporalmente – e cada uma dessas categorias, cujas ocorrências não estão vedadas de serem concomitantes e podem combinar-se de modos vários, exercerão influência na frequência e grau de impacto do “acontecimento” – essa pessoa nos conta uma lembrança de um momento que passamos juntos e, independente de qual seja o conteúdo de ação desse momento que essa tal pessoa narra, em lugar de experimentarmos essa memória partilhada como pertencentes a nós, em lugar de “nos lembrarmos”, temos uma sensação um tanto diferente daquela comumente atribuída à rememoração: parece-nos que na memória que nos é narrada e da qual o agente da narração nos garante que participamos juntos, que ambos “estávamos lá”, somos de certo modo interpretados por algum ator, parece-nos que não estivemos ali realmente, e sim que a memória narrada pela pessoa com a qual travamos diálogo sobre o tal momento é uma cena na qual um ator ou atriz, não necessariamente idênticos a nós, mas com todos os nossos trejeitos, interpreta o nosso papel. Estranho, é o que não poucas

peessoas diriam se questionadas sobre a situação descrita acima. É comum recorrermos a testemunhos para reforçar ou não aquilo de que nos recordamos de eventos que vivenciamos. “Testemunhos” aqui tem um sentido amplo, podem ser verbais ou não verbais, físicos ou não, podem ser contados por uma pessoa ou por um quadro, por uma paisagem ou por um clima. Nossos próprios indícios de lembrança de determinado evento são “testemunhos”, e são aqueles a que primeiro recorreremos. Nossa experiência no mundo coloca-nos constantemente diante de muitos testemunhos. Nós, enquanto indivíduos, participamos de dois tipos de memória: a individual e a coletiva. Porém, ainda estranhamos ao falar sobre a memória de um grupo, a memória coletiva, o conjunto potencial de testemunhos. Ficamos mais confortáveis, estranhamos menos, quando pensamos que essa faculdade está ligada a um órgão único, a um corpo específico. Frequentemente penso essa palavra, “estranho”. O estranhamento remete à pré-história dos procedimentos literários – e, claro, de todas as outras manifestações artísticas. A capacidade de estranhar e de causar estranhamento são movimentos cabais à decodificação e codificação do objeto literário e, creio, cabal à minha escrita de poemas.

-Culturas fechadas e Culturas problemáticas: uma releitura de perspectivas segundo a dilaceração do mundo colonizado

Já pelos intertextos elencados para a apresentação do mencionado trabalho sobre o filme, já pelo comentário dos próprios realizadores de “A última vez que vi Macau”, que em entrevista quando da promoção do filme afirmaram considerar que Macau nunca foi realmente uma colônia portuguesa, esteve muito mais para território chinês sob administração portuguesa, já por considerar interessante para a questão da “experiência” e da expressão “deslocada dos grandes centros” – nos países periféricos, notadamente os colonizados, chegam “crises da experiência” já prontas, bem como os sistemas de relações por elas gerados – me parece interessante trazer aqui uma breve reflexão teórica que já cogitei utilizar anteriormente em trabalhos outros e à qual acabei não dando andamento, e que não raro frequenta meu pensamento quando escrevo poemas. Vou tentar observar, sob a luz da proposição “lugares da memória”, se possível, dois períodos que constituem perspectivas diferentes – preferirei utilizar o termo “diferentes” e não “conflitantes” – de cultura, duas, então, concepções de cultura. Uma que vai referir-se a um mundo “pleno de sentido” e outra que vai referir-se a um mundo em que o “sentido inerente já não é mais possível”, diferenciando, assim, culturas de caráter fechado e

culturas de caráter problemático, que se refletirão nas formas literárias predominantes.

Segundo Max Weber (2004), em algumas épocas, certas religiões universais – o “universais” no sentido de serem dominantes em determinadas culturas nas quais se inserem – parecem figurar em todas as camadas da organização social. Ou seja, sociedades, em todos os seus níveis e extensões, nessas épocas, se dirigem pelos padrões éticos dessas religiões universais – pensando-se, por exemplo, nas épocas/períodos do cristianismo “clássico”, hinduísmo “clássico”, etc. Tomando a história do ocidente, ao longo do tempo as diversas esferas da vida, que se guiavam pelos padrões éticos “universais” das religiões, começam a se autonomizar. Dentre essas esferas há, por exemplo, a da economia, que se desvencilha das crenças pessoais e começa a se pautar sob uma nova ética. Na política, que para Weber é o exercício da dominação, os reis deixam de aceitar “apenas” exercer as vontades divinas na Terra – nessa esfera “O príncipe”, de Maquiavel, é uma leitura interessante no sentido de observar como se vão esvaindo as “justificativas divinas” para o exercício do poder.

O que parece é que Max Weber teve grande influência na concepção do conceito de caráter “problemático” da cultura moderna desenvolvido por Georg Lúkacs (2000). Aqui chego a um dos pontos de interesse, as duas feições que as culturas humanas podem tomar, o caráter “fechado” e o caráter “problemático”, e os tipos possíveis de literatura/forma que tentam apreender cada uma dessas feições.

Culturas fechadas são aquelas que se perfazem, são “perfeitas” no sentido de “circularidade perfeita”. Nessas, não há disjunção entre interior e exterior, indivíduo e vida social, essas sociedades são “fechadas” no sentido de que não há conflito entre vida social e vida individual. Aqui Lúkacs pensa basicamente na Grécia Homérica. A epopeia há de conduzir o herói de volta a si mesmo, pois esse herói não se põe à prova. Na ordem total da epopeia os obstáculos são quase que cúmplices da revelação total do caráter do herói. Nas culturas fechadas, o exterior não apresenta nada que seja estranho à alma. O herói desse mundo, então, desconhece tormentos como o da “busca”, por exemplo. A aventura da epopeia não leva para longe, no sentido em que estamos mais acostumados, mas conduz, antes, para perto. Assim, a preocupação formal da epopeia é levar as coisas ao seu lugar natural e, ao moldar a figura cabal dos seus heróis, fazer com que os gestos, as ações, encontrem o seu sentido último. Esse mundo terá, então, representações e atitudes diante dos “lugares da memória” pautadas sob essa perspectiva – penso, por exemplo, no “morrer em glória” de um Aquiles.

Culturas problemáticas, por sua vez, são aquelas em que não há circularidade

alguma. Há, então, disjunção entre interior e exterior, o mundo exterior não apresenta nada que seja condizente com o interior. Aqui Lúkacs pensa no mundo burguês/capitalista. O herói romanesco busca o sentido de seus atos e, dessa maneira, se põe à prova. O motor da intriga romanesca, entre outras coisas, é uma busca do herói pelo sentido dos próprios atos, já por que o sentido cabal das ações não está mais à mão dos “atores” da vida humana em geral. A cultura passou, então, de fechada à problemática. Penso por um momento na “Divina Comédia”, de Dante, e no “Dom Quixote”, de Cervantes, como marcadores de tal transição. Nessa época o herói olha as diversas formas da vida social e não encontra nenhuma que esteja em continuidade com ele. O romance é a tentativa de dar forma narrativa a um mundo onde a forma se estilhaçou em formas. Tenta dar forma a um universo humano/social que parece tê-la perdido e não sabe onde encontrá-la. Esse mundo terá, então, por seu turno, representações e atitudes diante dos “lugares da memória” pautadas sob essa perspectiva

O mundo da epopeia é, então, o mundo das respostas, enquanto o mundo do romance é o mundo dos questionamentos. Assim, nas culturas fechadas tudo tem seu “locus”, e a epopeia dá forma a isso. Nas culturas problemáticas tudo é busca, e o romance procura formalizar isso. Porém, não basta colocar as coisas assim, em lugares estabelecidos, já que não são categorias estáticas. Há crise e creio ser interessante falar brevemente sobre isso. Para Lúkacs, o romance vai ser uma espécie de marcador da formação e estabelecimento da era burguesa. Entenderei e chamarei, aqui, por “crise” o surgimento de autores que problematizam o romance enquanto forma – por exemplo, Kafka, Woolf, Joyce, Saramago. A crise do romance tem relação com sua intenção de “dar conta de tudo”. Esses autores “problematizadores” vão perguntar-se até onde o romance pode ir e onde ele, talvez, mas não necessariamente, deva se calar. Se a crise tem relação com o “dar conta de tudo”, talvez seja possível dizer que faz parte de algo mais vasto, como por exemplo a lembrança dela mesma. Mais, se o romance, como forma, marca o surgimento e estabelecimento da era burguesa, sua crise pode ser vista como reflexo da crise da classe que forma o alicerce dessa forma. A forma romanesca é uma tentativa de organizar e dar forma à experiência. Assim, sua crise representa uma crise da experiência. Especificamente o período referente às duas grandes guerras faz com que toda uma geração veja sua existência colocada em xeque, em verdade quase aniquilada, “esquecida”. Uma guerra que quase acaba com uma sociedade que, mesmo para seus opositores, era vista como “completamente estabelecida” – a burguesia tal qual era até esse período. Penso que podemos dizer, então, que essa sociedade vê a possibilidade de

sua morte/esquecimento, e a consequência dessa visão é a entrada em uma espécie de colapso.

Benjamin (1994) faz o mesmo que Lúkacs, com a diferença de que se debruça mais sobre a figura do narrador. Sua preocupação é: o narrador do romance é um tipo específico de narrador? E seria o melhor exemplo deles? Narrar é dar forma à vivência. Assim, por conseguinte, há fios que ligam o ato de narrar à vida contemporânea. Se o romance é a forma de uma cultura problemática, a figura do narrador romanesco será problemática. Para Benjamin, a problemática do ato de narrar, e narrar é dar forma à experiência, está ligada à morte. Para ele a arte de narrar está em vias de extinção, percebem-se cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Benjamin cita aquelas situações em que, quando reunidos em grupos pedimos a alguém que conte uma história, narre algo e o que se percebe é uma situação de embaraço, como se tivéssemos perdido algo natural ao ser humano, o “dom” de rememorar, de dar forma a rememoração, trocar experiências. Isso se deve ao fato dos próprios feitos da experiência estarem em queda. O mundo exterior e a ética sofreram transformações que eram impensáveis até então. As guerras mundiais trouxeram à tona um processo que se manifesta até hoje. Se o herói grego era rico de experiência memorável, o “herói” aqui retornava pobre de experiência cambiável, os combatentes retornavam dos campos mudos.

Para Benjamin, ao mesmo tempo em que temos acesso a notícias de todo o mundo somos pobres de histórias que surpreendem. Ou seja, a arte de narrar perde espaço para a “arte” de informar. Diferente da narrativa, ligada de maneira forte à memória, a informação, nesse contexto, liga-se mais à uma espécie de efemeridade, fugacidade, vai no passo contrário ao da lembrança.

Assegurando ter em mente as devidas e óbvias proporções e diferenças, parece-me possível fazer uma aproximação das duas perspectivas apresentadas acima com a problemática do mundo colonizado e seu dilaceramento. Àquilo que chamarei aqui de “mundo colonizado pleno” talvez seja possível aproximar a ideia de cultura fechada. Em uma perspectiva amoral, o colono é uma espécie de “herói” desse mundo, no qual tudo tem seu lugar estabelecido. Se tomarmos o conceito de que nas culturas fechadas estamos diante de um mundo de respostas, todas essas respostas encontram seu lugar cabal nas verdades e ideias do colonizador, a despeito do esmagamento, literal e abstrato, dos colonizados. Nesse passo, o que chamarei aqui de “mundo colonizado dilacerado”, aproxima-se da ideia de cultura problemática. Há uma espécie de esfacelamento daquele

sentido pleno – e amoral – imposto pelo colonizador, devido a uma tomada de consciência, em maior ou menor grau e em ritmos diferentes em cada colônia, por parte dos colonizados, configurando uma espécie de mundo de sentidos estilhaçados e, conseqüentemente, de “busca”, de “questionamento”, em lugar das até então respostas estabelecidas. Penso, então, que havia uma “sensação” de circularidade na cultura por parte dos próprios colonos quanto ao que faziam. Feição cultural essa que parece haver mudado, ou encontra-se em processo de mudança, passando a constituir-se como cultura problemática, devido aos movimentos dos colonizados.

Pensando por exemplo a literatura africana de língua portuguesa nessa perspectiva, destaco, entre tantos possíveis, um desses “momentos” do colonizado dentro do caráter de cultura problemática que podemos atribuir ao mundo colonizado dilacerado: Bernardo Honwana (2017) em seu conto “Nós matamos o cão tihoso”. Esse é o momento da violência não metafórica, não simbólica – ao menos não somente simbólica – da dilaceração. Veja-se a própria figura do “cão tihoso”. Em um sentido muito mais “prático” do que metafórico, parece-me que a figura do cão e os eventos que o circundam podem ser tomados como uma espécie de extensão dos processos de violência, frutos da relação colonos/colonizados. Relação essa que, parece ser possível dizer, transita em uma tensão lembrança/esquecimento, quando coloca-se em questão a memória enquanto disputa sobre o passado e sobre o presente, quando questiona-se a possibilidade da coesão cultural e social ser garantida sem a memória.

Toda narrativa, tomando agora narrativa em um sentido abrangente, é tentativa de dar forma à vivência, por meio da “troca”, do “cambiar” experiências. Nas culturas de caráter problemático, a experiência ela mesma apresenta-se em crise, há uma falta de experiência memorável. Retomando as duas feições que as culturas humanas podem tomar, e tendo em mente uma inseparabilidade lembrança/esquecimento, poderíamos dizer que há ora uma “primazia” da lembrança, ora uma “primazia do “esquecimento”. Nas culturas de caráter fechado, tal primazia parece ser a da lembrança. Vernant (1990) cita algumas divindades gregas que recebiam os nomes de funções psicológicas. Entre elas, Mnemosýne, com a qual parecia haver um cuidado específico, já pelo fato de ela atingir grandes categorias psicológicas. Aqui a capacidade de rememoração era uma grande conquista, pois nesse mundo havia experiência memorável, cambiável. Já nas culturas de caráter problemático o que parece ter primazia é o esquecimento, já por não haver experiência memorável, cambiável. A vivência, aqui, ou antes, a decadência dela, leva ao esquecimento.

-Intertexto

Retomo a “estrutura de sobreposição” mencionada anteriormente. Para pensar na história “nova” e sua proximidade com o exercício da imaginação e da rememoração, e nas questões de imagens públicas e imagens privadas, que transitando dentro do escopo variável cultura/imaginação produz tensões no par memória coletiva/memória individual. Como a conhecemos, a história foi “inventada” em meados do século XIX. Até então, “contar o passado” estava dentro daquelas camadas da organização social que se guiavam pelos padrões éticos das religiões “universais”, e que começariam a se distanciar de serem pautados sob esses padrões éticos. Nesse passo, “contar o passado” deixa de estar vinculado à igreja e passa a ser algo narrável por sujeitos diversos e para um número cada vez maior de indivíduos. Mais do que pensar a ligação disso com uma das possibilidades de descrição de “literatura”, de “romance histórico”, penso o movimento possível disso no poema.

Se cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e o romance histórico, quando de seu surgimento, proporciona aos leitores da época a noção de que são indivíduos de uma outra era – para esses indivíduos, por exemplo, a forma católica de ver o tempo e o passado, de ver as dinastias como vontades divinas, como já mencionado anteriormente, não convence mais – e prepara uma nova forma do exercício de rememoração e narrativa, a estrutura do gesto poético, aquilo que pode o sujeito lírico, e seus efeitos, guardadas as devidas e óbvias proporções, não produz um pouco desse movimento?

Pelo poema, ou pelo gesto poético, ou pelo sujeito lírico, (re)descobrir as lembranças e o espaço – uma vez imerso nas memórias coletivas e de volta ao grupo social que reforça a influência dessa categoria de rememoração, estejam os indivíduos desse grupo presentes ou não fisicamente, já que estão nos “testemunhos” que são o estímulo de disparo dessas memórias coletivas e que, em grande parte, nesse momento de retorno, tem seu papel desempenhado pelos espaços, que passam a se aliar/confrontar com os “testemunhos” prévios, adquiridos pelos códigos e símbolos do cinema, da literatura, do videogame, da música, do futebol, do muay thai, do chão de fábrica, dos poemas dos meus pares, etc. Isso acontece de modo tal que, na medida em que as imagens – aquelas no in loco do sujeito lírico e aquelas das reminiscências, e aqui esses testemunhos incluem flora, fauna e os cenários urbanos, empíricos ou não – passam diante de nossos olhos organizadas pela estrutura de sobreposição, nós experimentamos esse

sentimento de (re)descoberta, bem como as memórias individuais e coletivas mobilizadas e demonstradas nesse esforço, como um sentimento e exercício de rememoração mesmo nosso. E, em certa medida, enquanto memória coletiva, talvez o seja realmente.

Lip Sync e paródia

Considero que todo procedimento e conteúdo ligado ao imenso universo de possibilidades que abrange a cultura pop seja sempre válido para a minha poesia. Aliás, mais do que válido, por vezes passa a ser parte integrante ou o próprio processo criativo. O Lip Sync é exemplo de um desses casos e, por ter trazido para esse ensaio a menção ao filme que foi tema do trabalho que, como comentado anteriormente, possibilitou um esclarecimento sobre os “caminhos propositivos”, comento um pouco mais detidamente essa “ferramenta”, procedimento de engenharia poética por mim valorizado e, sempre que possível, utilizado, bem como parte integrante de uma cena cabal ao filme “A última vez que vi Macau”. Lip Sync ou Sincronia Labial é um termo técnico utilizado para descrever uma performance em que os movimentos de lábios acontecem em sincronia com um áudio gravado e que é tocado de fundo, seja falado ou cantado. Muito popularizado através do reality show Estadunidense “RuPaul’s Drag Race”, onde figura como desafio principal dentro da estrutura do programa de competição. Aqui vou buscar pensar o Lip Sync como uma ferramenta, das diversas possíveis, da paródia e, ao mesmo tempo, pensar a paródia como um meio de diálogo com o passado, que “joga” com a apropriação e consciência histórica, que permite, através de uma abordagem crítica/produzida da tradição, uma continuidade que oferece e permite uma reorganização do passado, já pela “estrutura de sobreposição” da paródia e sua geração de tensões entre a fidelidade aos fatos e a criatividade. Ao se mobilizar a paródia o passado é ativado e, intencionalmente, provocam-se consequências para a convenção da forma.

Existem movimentos narrativos diversos e que podem mobilizar técnicas e procedimentos também diversos, bem como existem construções de sujeitos líricos diversas e que, também podem mobilizar técnicas e procedimentos diversos. Nos filmes de artes marciais – os filmes de “lutinha” que ocuparam parte da minha infância/adolescência nos anos mil novecentos e noventa e que, aliás, me levaram ao Muay Thai, uma das fontes primeiras da experimentação dos pés silábicos, como contei anteriormente – por exemplo, as lutas ocupam mais tempo que o “processo narrativo”, pois a ação ela mesma vale por esse processo. Em “A última vez que vi Macau”, filme

que descreve para mim o meu processo criativo ao construir e modelar poemas, a paródia, que perpassa todo o filme, e o Lip Sync que acontece no início e ecoa até o final, parecem ser “as lutas”. Pensando a memória como disputa sobre o passado e sobre o presente, e as tensões causadas pelo estranhamento quando aliado à paródia – essa, sabemos, pressupõe conhecimentos prévios, mas também prevê e possibilita a curiosidade – pode-se cogitar qual é o discurso codificado que está sendo parodiado em cada poema. Pela capacidade da paródia – enquanto exercício de crítica da memória, repetição com distanciamento crítico – e dos intertextos em permitirem e promoverem a sobreposição de subjetividades é que a formação do sujeito lírico, creio, em meus poemas, incita a insubmissão. Ou ao menos busca essa incitação. O quanto essas Candys, esses poemas, vão nos dizer sobre as diferentes feições que podem as culturas tomar – fechadas/problemáticas – e os heróis que as representam pode estar aqui: se só no drama é que o herói, ao desfilar na biga do Triunfo, vai temer que ela possa, ao acaso, tombar, talvez por conta de uma pedra no caminho de uma das rodas, e, pior que machucá-lo, expô-lo ao ridículo, pode ser que agora o tempo seja de se pensar nos perigos de um playback falhar durante uma batalha de Lip Sync. Eu gostaria que os heróis em meus poemas soassem assim: Cindy Scrash, Rob Halford, Eduardo Taddeo, Akua Naru, Stela do Patrocínio, José Craveirinha, Noémia de Sousa, Edmilson de Almeida Pereira, Chico César, Prince, Hideo Kojima, David Lynch, Estamira, Eduardo Coutinho, Rihanna, tantos outros, cada um emprestando a voz ao meu lip sync.

Assim como dizem os idealizadores do filme “A última vez que vi macau”, digo também, tratam-se, talvez, esses poemas de uma espécie de álbum pessoal, uma geografia e arquitetura física e emocional que cá não estavam, mas que, exumadas pelo estranhamento, vêm à forma. E, pela estrutura de sobreposição da paródia, pela mobilização do lip sync quando, no poema e pelo poema faço existir o sujeito lírico agente desse procedimento, o poema ele mesmo permite atravessar o tempo pelas representações do espaço e/ou atravessar o espaço nas representações do tempo. E o poema é um filme, ou o contrário.

Postal e exumação

Notando que tudo hoje busca a voga da “franquia”, de adequar-se ao ritmo e sensação de “grande quantidade de conteúdo” que a “série”, por exemplo, proporciona, tanto em si quanto em conteúdo “derivado” – atendendo, digamos, entidades como

“streaming” e “influencer”, com “conteúdos” que vão desde enredos vazios esticados ao máximo anos a fio, passando por vídeos como “trailer explicado”, “x detalhes que você não no trailer de x”, até os famosos stories ou vídeos de youtube do tipo “final explicado e referências” –, penso que um espírito da época é o reboot. Assim, “postal e exumação” pareceu-me uma boa maneira de dizer “reboot” para “tempo espaço re tratados”, meu livro de estreia na poesia em 2014, “rachar átomos e depois”, de 2016 e “a implantação de um trauma e seu sucesso”, de 2019, todos publicados pela Editora Patuá, a primeira “trilogia”, para ficarmos na voga da franquia. E, por mais que eu prefira evitar o “academicismo”, em um sentido amplo, e mais ainda qualquer espécie de aval burguês dos herdeiros que predominam nas academias – “aval” por vezes facilmente conseguido pelo uso da “forma” que esperam, o postal que nos ensinam, por isso prefiro sempre que seja a dicção a pedra de toque do poema –, é difícil negar que, produzindo nesse “ambiente controlado” que é o curso de escrita criativa – apesar de isso nos aproximar do experimento científico, creio que sempre bem-vindo no texto poético, o curso acontece em uma universidade/ambiente que permanece, repito, infelizmente, majoritariamente nas mãos da burguesia – esse seja um reboot, também, em minha própria engenharia poética, o que ainda não sei dizer se é de meu gosto.

De todo modo, “postal e exumação” é um título pensado para carregar muito mais que essa divagação de época. Um postal é sempre bem-vindo e bem aceito. Será que o mesmo pode ser dito da “exumação”? É preciso sempre exumar o que está por baixo, ou por trás, do cartão postal. Mas nem todo cartão postal é de todo ruim, eu mesmo tenho alguns com os quais convivo bem.

Por exemplo, quando penso esse lugar de onde escrevo, uma imagem agradável daqui me surge: quando eu era muito jovem, duas mulheres me levaram à música, um dos meus caminhos ao estranhamento. Minha avó me presenteou com um violão de marca e qualidade bem modestas. Isso me ensinou, através daquela escala tortuosa e áspera, que determinadas notas não vêm tão fácil, que, por vezes, a busca e a sustentação das sonoridades corta os dedos. Minha mãe me levou para conhecer aquele que seria meu professor de violão por, se bem me lembro (eu tinha uns doze anos, acho, faz tempo, antes mesmo de ser o jovem metalheiro cabeça dura), três ou quatro aulas. Era o cego da rua dos apalaches, que morava aqui no bairro onde ainda moro até hoje. Ao me conhecer ele pediu que eu reproduzisse com a voz determinadas notas que tocou no violão dele. Nesse dia, no caminho de volta para casa, aprendi que não é necessário esperar uma mudez para dizermos alguns silêncios, para dizermos alguns intervalos, e o quanto eles têm de energia

potencial. Mas por que dizer tudo isso nessa aqui Por nada. Esse “por nada”, essa “razão nenhuma” que pode a poesia. Mas também porque a poesia, por vezes, une dois ou mais tempos, dois ou mais lugares afastados. Ou talvez para incitar algum incômodo e estranhamento. Pensando essas coisas me veio a imagem de um metrônomo. Em seguida, a de um metrônomo do verso livre, que no fim, talvez, não seja tão livre assim. Me vem a imagem do lugar onde vivo, que é o meu poema sem restringi-lo a isso. E vice-versa.

Contei esse, mas poderia contar muitos outros postais, não necessariamente meus, imagens que, creio, não são exclusivas daqui, como crianças gritando e chutando bola a esmo nos nossos portões, pessoas batendo a laje da própria casa, os escassos e precarizados espaços de lazer e cultura sendo engolidos por especulação imobiliária, igrejas universais e outras atrocidades, etc. Um breve passeio pelo Jardim Vila Rica, pelo Capuava, pelo Jardim Santo Alberto, aqui em Santo André, pelo Jardim Zaira, em Mauá, pelo Ferrazópolis, em São Bernardo, e é possível passar por alguns dos que são, creio, importantes postais da poesia brasileira contemporânea insubmissa, por serem os postais de poetas que me são caros. Aliás, da boa poesia brasileira contemporânea insubmissa. E insubmissa num sentido amplo, por não se querer dentro de programas totalizantes, por se negar a estar dentro daquilo que os grandes e os pequenos reguladores esperam e/ou impõem, implícita ou explicitamente, que seja o modo de produzir arte periféricos, por ir além dos discursos de determinados legitimadores/reguladores que, por exemplo, gostam de chamar uma poesia metropolitana de “potente”, “cerebral”, “antilírica”, etc, enquanto a essa poesia periférica, para tais “legitimadores”, é o suficiente chamar de “combativa”, em um reducionismo não tão sutil quanto pensam. E não há nada de errado com essas nomenclaturas, mas sim com as práticas que visam cercear e “legislar” as poéticas que podem ou não serem praticadas a depender de localidades e interesses de mercado (lembrando que mercado literário e Literatura são coisas distintas, por vezes até divergentes). Por isso acho que muitas mais pessoas precisam conhecer poetas, de todos os tipos, que estejam do lado de cá da ponte. Poetas para os quais, assim como o do oleiro, o do metalúrgico, o do tecelão, a poesia é trabalho, braçal mesmo. E o poeta é proletário. Muito provavelmente seja por isso que, insubmissos, preferimos, eu ao menos prefiro, escrever diferente dos herdeiros. Muito provavelmente por isso é que deslocada dos grandes centros está a poesia em sua possibilidade mais criativa. É preciso, repito, sempre exumar o que está por baixo, ou por trás, do cartão postal.

Bibliografia

- AHMAD, Aijaz. Linhagens do presente. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002
- ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. São Paulo: Editora 34, 1998
- ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal. In: “Anuário Antropológico (Tempo Brasileiro)”, (95), 1996:161–190
- AMARAL, Ana Luísa. São Paulo: Iluminuras, 2013
- ANDERSON, Benedict R. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. Obra poética. Rio de Janeiro: Tinta-da-China, 2018
- BASTOS, Conceição. Perto do coração o mar se levanta. São Paulo: Dobradura Editorial, 2016
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994
- BERARDINELLI, Cleonice. Fernando Pessoa: outra vez te revejo... Rio de Janeiro: Lacerda editores, 2004
- BIRMAN, Joel. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento da atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999
- _____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003
- BOSI, Alfredo. Céu, inferno. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003
- CAAMAÑA, Flavio. Aquedutos. São Paulo: Editora Patuá, 2016
- CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010
- _____. O discurso e a cidade. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010
- _____. A educação pela noite. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2017
- CAMARGO, Edson Bueno de. A escansão da argila. São Paulo: Editora Patuá, 2022
- CAMÕES, Luís de. Os lusíadas. Coimbra: Almedina/Colégio das Artes, 2016
- COMPAGNON, Antoine. O demônio da teoria – Literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010
- CORTÁZAR, Júlio. “Do sentimento de não estar de todo” In: Valise de cronópio. São Paulo: Perspectiva, 2011 (3ª reimpr. da 2ª ed. de 1993)

COSTA, Horácio. José Saramago – O período formativo. Lisboa: Editorial Caminho, 1997

_____. O livro dos fracta. São Paulo: Iluminuras, 1990

_____. Ciclópico olho. São Paulo: Annablume, 2011 (Selo Demônio Negro)

_____. Bernini. São Paulo: V. de Moura Mendonça – Livros, 2013 (Selo Demônio Negro)

_____. A hora e vez de Candy Darling. Goiânia: Martelo, 2016

_____. São Paulo, 24 de março de 2020. São Paulo: Editora Patuá, 2021

CRAVEIRINHA, José. Antologia poética. Ana Mafalda Leite org. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boitempo, 2017

DIACOV, Carla. A munição compro depois. Rio de Janeiro: Cozinha Experimental, 2018

EUFRAUSINO, Cláudio Clécio Vidal. Tradução e transfiguração da narrativa bíblica da aliança na narrativa de Saint Seya, In Cultura & Tradução, João Pessoa, v.1, n.1, 2011

FANON, Frantz. Os condenados da terra. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1996

GALVÃO, Donizete. A carne e o tempo. São Paulo: Nankin Editorial, 1997

GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e RIBEIRO, Fernando Rosa (org.). África-Brasil: Caminhos da língua portuguesa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009

GAVITA, Andréia Carvalho. Neônia. Fortaleza: ARC Edições, 2019

GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira. São Paulo: Companhia das letras, 2001

_____. O queijo e os vermes. São Paulo: Companhia das letras, 2006

GODOY, Mariana. O afogamento de Virginia Woolf. São Paulo: Editora Patuá, 2019

_____. Trasgo nas masmorras. São Paulo: Editora Primata, 2021

_____. Holograma. São Paulo: Círculo de Poemas, 2023

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2003

HONWANA, Luís Bernardo. Nós matamos o cão tinhoso. São Paulo: Kapulana, 2017

HOMERO. Odisseia. trad. Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014 (3ª edição)

HUGO, Victor. Do grotesco e do sublime – prefácio de Cromwell. São Paulo: Perspectiva, 2014

HUTCHEON, Linda. Uma teoria da paródia – ensinamentos das formas de arte do século XX. Lisboa: Edições 70, 1989

KOJIMA, Hideo. The creative gene. San Francisco: Viz Media LCC, 2021

KOVÁCS, Maria Júlia (org.). Morte e desenvolvimento humano. São Paulo: Casa do

Psicólogo, 2010

LAFROY, Bianca. Embrulho líquido. São Paulo: Iluminuras, 2012

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: “The technology of gender”, pp. 1-30, Indiana University Press, 1987

LIMA, Conceição. A dolorosa raiz do Micondó. São Paulo: Geração Editorial, 2012

LOURENÇO, Eduardo. Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade. Portugal: Gradiva, 1999

LUGARINHO, Mário César. Masculinidade e colonialismo: em direção ao “homem novo” (subsídios para os estudos de gênero e para os estudos pós-coloniais no contexto de língua portuguesa). *Abril (Niterói)*, v. 10, p. 15-38, 2013

LUKÁCS, G. A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000

MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. São Paulo: Martins Fontes, 2004

MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa. São Paulo: Cultrix, 2013

MOMPLÉ, Lília. Ninguém Matou Suhura. Moçambique: Associação dos escritores moçambicanos, 1988

PASSATUTO, Camila. Nequice: lapso na função supressora. São Paulo: Penalux., 2018

PATROCÍNIO, Stela do. Reino dos bichos de dos animais é o meu nome. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009

PETIT, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2010
_____. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013

RAMA, Ángel. A cidade das letras. São Paulo: Boitempo, 2015

RIZZI, Nina. Sereia no copo d’água. São Paulo: Edições Jabuticaba, 2019

ROCHA, Evel. Marginais. Cabo Verde: Gráfica da praia, 2010

ROMIO, Alessandro. O jardim nunca foi tão bonito quanto agora. São Paulo: Editora Patuá, 2017

_____. Animais provisórios. São Paulo: Editora Patuá, 2021

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. O engenhos fidalgo D. Quixote de La Mancha. São Paulo: Editora 34, 2016

SAID, Edward W. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

SCHWARZ, Roberto. “Fim de século”. In: Sequências brasileiras. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: "Gender and the politics of history", New York: Columbia University Press. 1989
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. Between men: English Literature and Male Homossocial Desire. New York: Columbia University Press, 1985
- SONTAG, Susan. Illness as Metaphor and AIDS and Its Metaphors. New York: Picador, 1989
- _____. Against interpretation and other essays. London: Penguin Books, 2009
- SOUSA, Noémia de. Sangue negro. Moçambique: Associação dos escritores moçambicanos, 2001
- TAVARES, Paula. Amargos como os frutos: poesia reunida. Rio de Janeiro: Pallas, 2011
- THERBORN, Göran. Sexo e poder: a família no mundo 1900-2000. São Paulo: Contexto, 2006
- TZVETAN, Todorov. Em face do extremo. Campinas, SP: Papirus, 1995
- VERNANT, J. P. Mito e pensamento entre os gregos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990
- WEBER, Max. A ética protestante e o "espírito" do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Filmografia

A SOCIEDADE DOS AMIGOS DO DIABO. Direção: Brian Yuzna. Produção: Keith Walley. Estados Unidos: Wild Street Pictures, 1992

A ÚLTIMA VEZ QUE VI MACAU. Direção: João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Matta. Produção: BlackMaria/Epicentre Films. Portugal/França: 2012

ANDREY RUBLEV. Direção: Andrei Tarkovsky. União Soviética, 1966

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd e Michel Merkt. Brasil/França, 2019

BEACON OF THE EAST. Produção: Periscope Films. Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCddem5RlB3bQe99wyY49g0g>

CANNIBAL FEROX. Direção: Umberto Lenzi. Produção: Mino Loy, Luciano Martino. Itália: Medusa Distribuzione, 1981

DECAMERON. Direção: Pier Paolo Pasolini. Produção: Alberto Grimaldi. França/Alemanha/Itália, 1971

ERASERHEAD. Direção: David Lynch. Produção: David Lynch. Estados Unidos: Libra Films, 1977

INVOCAÇÃO DO MAL. Direção: James Wan. Produção: Tony DeRosa-Grund. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2013

LA VOIE LACTÉE. Direção: Luis Buñuel. França/Itália, 1969

MACAO. Direção: Josef von Sternberg e Nicholas Ray. Produção: Howard Hughes. Estados Unidos: RKO Pictures, 1952

MAD MAX – ALÉM DA CÚPULA DO TROVÃO. Direção: George Miller. Produção: George Miller. Austrália: Roadshow Film Distributor, 1985

MAD MAX – ESTRADA DA FÚRIA. Direção: George Miller. Produção: George Miller. Austrália: Roadshow Entertainment, 2015

MONTY PYTHON AND THE HOLY GRAIL. Direção: Terry Gilliam e Terry Jones. Produção: Mark Forstater e Michael White. Reino Unido, 1975

MUDANÇA DE HÁBITO 2. Direção: Bill Duke. Produção: Scott Rudin. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 1993

O SÉTIMO SELO. Direção: Ingmar Bergman. Suécia, 1956

O VINGADOR DO FUTURO. Direção: Paul Verhoeven. Produção: Buzz Feitshans. Estados Unidos: Tri-Star Pictures, 1990

OS AVENTUREIROS DO BAIRRO PROIBIDO. Direção: John Carpenter. Produção: Larry J. Franco. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1986

RAN. Direção: Akira Kurosawa. Produção: Serge Silberman e Masato Hara. Japão/França, 1985

RU PAUL'S DRAG RACE. Direção: Nick Murray. Estados Unidos: World of Wonder, 2009-, Reality Show, 13 temporadas

VIDEODROME. Direção: David Cronenberg. Produção: Claude Héroux. Canadá: Universal Pictures, 1983

300. Direção: Zack Snyder. Produção: Mark Canton. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2007